



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Sandra Milena Toso Castro Acosta

PÁGINAS MATINAIS

UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PÓS- MODERNIDADE NO DIÁRIO DE UMA MULHER CONTEMPORÂNEA

Projeto/Trabalho de Projeto do Mestrado em Escrita Criativa, orientado pela Professora Doutora Susana Araújo, apresentado ao Departamento Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Junho de 2023

FACULDADE DE LETRAS

PÁGINAS MATINAIS

UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE NO DIÁRIO DE UMA MULHER CONTEMPORÂNEA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Trabalho de Projeto/Projeto
Título	Páginas Matinais
Subtítulo	Uma análise sobre a influência da pós-modernidade no diário de uma mulher contemporânea
Autor/a	Sandra Milena Toso Castro Acosta
Orientador/a(s)	Professora Doutora Susana Araújo
Júri	Presidente: Doutor Manuel Portela Vogais: 1. Doutora Catarina Nunes de Almeida
Identificação do Curso	2º Ciclo em Escrita Criativa
Área científica	
Especialidade/Ramo	
Data da defesa	11-Julho-2023
Classificação	18 valores



Agradecimentos

Ao Enio, por me dar a ideia de procurar um mestrado na Universidade de Coimbra e ser meu incentivador e apoiador durante todo esse percurso. Obrigada por confiar na minha escrita mais do que eu mesma e ser meu grande parceiro de vida. De mãos dadas, vamos longe.

Aos meus pais, Rô e Dary, por me ensinarem que há um mundo lá fora pronto a ser explorado por meio das viagens, livros e museus. E que sempre vale a pena ter curiosidade e lutar pelos nossos sonhos. Obrigada por estarem comigo no meu início em Coimbra e viva ao Loreto!

Aos meus professores do Mestrado em Escrita Criativa da Universidade de Coimbra, pelo conhecimento transmitido e a receptividade com que me receberam como aluna na instituição. Um agradecimento especial à minha orientadora, Profa. Susana, por quem nutro uma enorme admiração e gratidão. Sua ajuda e amizade foram de enorme valia para a elaboração deste projeto.

À minha amiga de mestrado, Andréia Mariano, por ser um exemplo de criatividade, resiliência e amor pela escrita. Nunca vou me esquecer das nossas aventuras literárias e conversas pelas escadarias de Coimbra.

À Samirah e o Arthur, por serem minhas referências de renovação, energia e amor.

Ao Programa Erasmus, pela bolsa que me permitiu estender meus conhecimentos em Escrita Criativa em Londres.

Aos professores da *University of Roehampton*, por me acolherem com carinho em suas aulas.

Aos meus sete apartamentos em Coimbra, por terem me abrigado e mostrado diferentes facetas dessa cidade encantadora.

RESUMO

Páginas Matinais

Páginas Matinais é um projeto de romance ficcional sobre Lia, uma mulher na faixa etária dos quarenta anos, divorciada, sem filhos, moradora da cidade de São Paulo, Brasil, que se vê imersa em um contexto de sobrecarga mental e apatia em relação a seu entorno. Por conta de uma série de ações de bem-estar direcionadas aos funcionários da sua empresa, a personagem se vê levada a escrever páginas matinais, uma espécie de diário escrito pelas manhãs com o intuito de “recuperar a criatividade”. A princípio, ela trata o exercício diário com resistência e displicência; com o passar dos dias, a escrita é incorporada como uma prática de compreensão sobre si mesma em um contexto de mudanças e desafios. A escrita diarística foi escolhida como recurso literário para o romance, na qual a personagem central usa os fatos do seu dia a dia como pano de fundo para abordar temas como trabalho, família e relacionamentos. Ao longo das suas páginas matinais, Lia repensa as suas escolhas, tanto as do passado e quanto as do futuro, redefinindo sua vida. Este estudo, por meio de uma análise do projeto criativo *Páginas Matinais*, propõe uma discussão sobre como a escrita diarística pode exprimir os anseios de uma mulher contemporânea ao vocalizar seu desejo por romper com as expectativas que uma sociedade ainda machista e patriarcal põe sobre ela. Além disso, será discutido como a pós-modernidade, manifestada no conceito de compressão da relação tempo-espaco contido em Harvey (1990), interfere na escrita e na linguagem de um diário por parte de uma mulher nos dias de hoje acerca de temas como trabalho, família e maternidade.

Palavras-chave: Diário. Pós-modernidade. Escrita diarística. Mulher. Romance contemporâneo.

ABSTRACT

Morning Pages

Morning Pages is a fictional novel project about Lia, a woman in her forties, divorced, childfree, that lives in São Paulo, Brazil, who finds herself immersed in a context of mental overload and apathy in relation to her routine. Due to a series of well-being actions offered by the company she works for, the character is led to write morning pages, a kind of diary written in the morning aiming to “recover creativity”. At first, she treats the daily exercise with negativity and negligence; as the days go by, writing is being incorporated as a practice of understanding oneself in a context of changes and challenges. Diary writing was chosen as a literary resource for the novel, in which the central character uses the facts of her day-to-day life as a backdrop to address topics such as work, family and relationships. Throughout its morning pages, Lia rethinks her personal and professional choices, from the past and future, redefining her life. This study, through an analysis of the creative project *Morning Pages*, proposes a discussion on how diary writing can express the yearnings of a contemporary woman by voicing her desire to break with the expectations that a still sexist and patriarchal society

places on her. In addition, it will be discussed how post-modernity, manifested in the concept of compression of the time-space relationship contained in Harvey (1990), interferes in the writing and language of a diary by a contemporary woman on topics such as work, family and motherhood.

Keywords: Diary. Post-modernism. Diary writing. Woman. Contemporary novel.

ÍNDICE

PROJETO CRIATIVO: PÁGINAS MATINAIS	1
I. AQUÁRIO	1
II. PISCINA	38
PÁGINAS MATINAIS: UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE NO DIÁRIO DE UMA MULHER CONTEMPORÂNEA	47
1. Introdução	47
2. Antecedentes	48
2.1. <i>Os recursos literários em Páginas Matinais</i>	50
2.2. <i>A escolha do título Páginas Matinais</i>	50
3. A escrita diarística em Páginas Matinais	51
3.1. <i>Páginas Matinais e o diário</i>	51
3.2. <i>As vozes narrativas no diário de Lia</i>	57
3.3. <i>Páginas Matinais e o universo feminino</i>	60
4. Páginas Matinais e a pós-modernidade	63
4.1. <i>A compressão do tempo e a culpa</i>	63
4.2. <i>A compressão do espaço e a migração</i>	67
5. Considerações finais	69

PROJETO CRIATIVO: PÁGINAS MATINAIS

Sandra Acosta

I. AQUÁRIO

1

Páginas matinais devem ser a atual paleta mexicana dos coachs. A moda da vez. Por todos os lados, só dão elas, mania também de gurus, instagramers, meditadores, tarólogos e, pelo jeito, de consultorias de gente. “Que tal colocar uma música de algum quarteto de cordas austríaco, preparar um chá de capim-limão do Himalaia, ligar o difusor com um óleo de ylang ylang coletado e prensado por monges na Indonésia e usar esse ambiente aconchegante – e rico – pra escrever à mão três páginas sem parar durante o despertar da manhã, todos os dias, como se você não tivesse mais porra nenhuma pra fazer, com o objetivo de recuperar a criatividade, a conexão com os sentimentos, a compreensão daquilo que angustia?” Faça-me o favor, Joyce-da-Vida-Plena, tenho outras ideias pra dar um up na minha criatividade e no meu sentir, sei lá, tomando um cabernet, organizando gavetas, lendo a biografia do Príncipe Harry, invejando o não-envelhecer dos famosos no Instagram, desvendando quem é casado no Happn.

O engraçado é que esse pessoal do bem-estar pensa que tá inventando a roda, páginas matinais são um diário, Anne Frank já fazia durante a guerra, Carolina Maria de Jesus fazia na favela. Nunca gostei de diário, nem daqueles com cadeadinho e mini chave, sempre achei que a Cidinha ia fuxicar e descobrir todos meus segredos. Justamente por esse comportamento cauteloso da minha adolescência, vou poder levar pra sepultura o amor platônico pelo Caio Cocada na sétima série, o roubo de umas balas nas Americanas e a compra equivocada de uma G Magazine em 2002.

A Joyce-da-Vida-Plena disse que a gente pode escrever o que quiser, inclusive escrever que não sabe o que escrever. O café preto já acabou, as buzinas na Marginal já tão no talo, o cheiro de peixe frito vindo do apartamento da vizinha do 304 me embrulha o estômago às 8h00 e ainda faltam duas páginas desse caderno universitário baratongo que a gente ganhou da Vida Plena. Bem que podia ser um caderninho em couro, com elástico prendendo as folhas, tipo um

Moleskine. Orçamento é o que não faltava, o contrato com a Vida Plena foi caro pra caralho. Não só daria mais gosto escrever em um artigo de papelaria mais refinado, como também as páginas seriam menores, diminuindo a ansiedade de ter que preenchê-las até o fim. Esse povo zen se diz compreensivo, defendendo a filosofia de cada-um-no-seu-ritmo-respeite-seu-corpo-e-o-escambau, mas no fundo, no fundo, caga regra como todo mundo que se coloca em uma posição de influência. “Pra se fazer as páginas matinais TEM QUE TER um caderno no formato A4 e TEM QUE TER uma caneta gel pra tinta fluir mais fácil e TEM QUE TER a coluna ereta e TEM QUE TER os sentidos apurados e TEM QUE TER madrugado junto com os galos”. Que chatice.

Não sei o que escrever.

Não sei o que escrever. Escrever não sei o quê.

Sacoooo, não sei o que escrever, não sou escritora.

Minha mão já tá doendo e eu não sei o que escrever.

Que letra horrível, já não sei mais escrever.

PQP, não tenho nada a escrever, nada a falar, nada pra compreender, nada pra processar!!!

...

Processar lembra processo, que me faz lembrar de processo seletivo, que me lembra do programa trainee da Care Baby, que me leva a uma vontade de esganar o Nellinho e o Dinho que não aprovam as contratações dos trainees, que me lembra como é divertido usar diminutivos pra me referir a executivos com egos enormes, que me leva à Cidinha – uma mulher enorme com apelido diminuto, que me lembra que eu preciso ligar pra ela, que me lembra como a gente tá mal-acostumada com os áudios e sente uma baita preguiça de ligar pras pessoas, que me lembra que ontem eu liguei pra comida chinesa e pedi DE NOVO um bifum chop-suey por preguiça de ter que ir ao supermercado e comprar coisas saudáveis, que me lembra que preciso ser mais saudável pois em quatro anos terei quarenta, que me lembra que corpo sano é mente sana (ou seria o contrário?), que me leva à profecia milagrosa das páginas matinais.

Pior é que eu não tenho como escapar delas, o Koguinho já veio me perguntar no início da semana, naquele sotaque bizarro, ‘Liiiá, como eston seus páginas matinais? Incrível como

algo ton simples pode ser ton efetivo pro foco. Vou falar a meu marido pra fazer o mesmo.’ Mesmo que ele não tenha esperado a resposta e tenha dado as costas pra mim, já pegando seu celular pra dar aquela checadela nas flutuações das suas criptomoedas, fico me sentindo culpada de ignorar um lance do trabalho, ligada à minha área. Sou uma babaca que se importa, merda, é essa tristeza desde a pré-escola, o jeito é fazer essas páginas durante alguns dias, sacar qual é o esquema e depois usar essa amostra como parâmetro pra qualquer comentário inquisidor sobre o tema.

Segundo a Joyce, ao escrever sobre qualquer coisa, os pensamentos surgem em livre associação, como uma espécie de drenagem cerebral. Se eu seguir a lógica da drenagem linfática, uma massagem dolorida que elimina toxinas do corpo, essas páginas serão o suco da monótona rotina de uma mulher contemporânea cansada, com dor nas costas e com vontade de passar a vida assistindo doramas na Netflix. Ainda bem que não é pra reler o que se escreve nas páginas, nem mostrar pra ninguém, simplesmente virar a página e boa, uma bela analogia do que deveríamos fazer com o que nos emputece.

MAS, se é pra fazer essa porcaria, que seja então do meu jeito, nada de quantidade mínima de páginas, horários rígidos, temas floridos, rituais xamânicos. E hoje em dia não tem Cidinha e nem Zeca zanzando pelas minhas coisas, o que dá uma paz de espírito pra escrever quando tiver a fim e o que tiver a fim.

Não vou precisar nem de cadeadinho.

2

Hoje tô escrevendo na força do ódio. Mais do que ontem. Não dormi bem e a porra dessa meia hora a menos de sono, agora usada pra essas páginas matinais, me faz ficar com mais mau-humor. O pior de tudo é ter que inventar lorota pra escrever aqui.

...

A Joyce-da-Vida-Plena disse que, quando a gente tá com a mente bugada na hora de escrever as páginas, dá pra usar uns temas pra estimular o fluir da escrita, tipo afirmações

positivas, metas pro próximo mês, coisas que a gente curte e não curte, situações pelas quais somos gratos.

Fechado então: Lia, simplesmente faça um monte de bullet-points – o que mais você faz na Care Baby – pra recapitular o seu dia de ontem e ser grata pelo que te aconteceu. Tipo um diário gratiluz de uma viciada em checklists.

- Sou grata porque o meu iogurte estava com cheiro de estragado, o que me estimulou a ter que procurar algo comível (e caro) pra comer na rua.
- Sou grata porque dei de cara com o carro da vaga 82 grudado no meu carro, o que me fez perceber que a minha flexibilidade ainda está em perfeito estado ao ter que entrar pelo lado do passageiro.
- Sou grata porque resolvi desviar do caminho e pegar um trânsito descomunal pra comprar um croissant murcho no McCafé, o que me deu tempo pra me maquiar, remarcar sessão com a Mônica, atualizar o Twitter, ouvir todo o jornal da CBN e organizar a agenda do dia – que já começou atrasada.
- Sou grata pela unha quebrada no talo que me faz lembrar da necessidade de ir atrás de exames pra saber quais são as quinze vitaminas da vez que estão faltando no meu organismo.
- Sou grata porque enquanto imitava mentalmente o sotaque do Koguinho na reunião semanal, não percebi que ele me fazia uma pergunta sobre a contratações dos trainees, o que me fez parecer desatenta ou incompetente, mas me evitou expor a negligência dos meus pares com os assuntos da minha área e plantar ainda mais discórdia no nosso time.
- Sou grata porque, ao fazer um brainstorming pro tema do Dia das Mães junto à minha equipe, elas se mostraram apáticas e eu precisei usar toda a energia fornecida pela gordura do McCroissant pra animá-las a ter meia dúzia de ideias mais-ou-menos inovadoras.
- Sou grata porque a Anni disse que novas contratações e aumentos salariais estão congelados pelos próximos seis meses no Brasil, o que significa inventar desculpas criativas e performar caras de paisagem pra um problema pra lá de gasto a gestores tão sobrecarregados quanto eu.
- Sou grata por ter colegas de trabalho que se metem na vida dos outros como o Silvinha, que disse ter visto um story do Zeca abraçado com uma lambisgóia e me fez querer

antecipar a minha volta pra casa e começar a praticar um maior equilíbrio entre vida pessoal e vida profissional.

- Sou grata por ter comprado, no caminho de casa, um Douro safra 2019 de corpo médio com taninos macios e redondos, o que harmonizou com o miojo de carne que jazia solitário na minha despensa.
- Sou grata por ter lembrado que meu áudio de 5'08'' pra Fernanda ficou sem resposta por mais de três dias, o que deve significar que nossa amizade de quase vinte anos está sob bases instáveis.
- Sou grata por ter tido a brilhante ideia de deletar o perfil do Zeca da minha lista de amigos do Insta, apesar de termos terminado nossa relação sendo amigos, o que me deu tópico pra poder usar em uma sessão com a Mônica.
- Sou grata por ter ido pra cama à base de vinho, chá de camomila, spray de lavanda no travesseiro e vídeos de ASMR, o que me fez perceber que essas tranqueiras não servem pra porra nenhuma quando o assunto é domar um cérebro galopante.

Uau, já me sinto mais leve pro novo dia que começa. Deu até vontade de aproveitar o espaço que sobrou da página pra escrever sobre o vinho da noite de ontem.

Deu duro, tome um Douro. Desce macio e reanima. A velha campanha do Dreher poderia facilmente ser convertida pra esse vinho da Quinta da Orvalheira, safra 2019. Um mix de Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Roriz e Tinto Cão, daqueles que mancham os dentes e o coração. Causa uma explosão de sabor no início, meio e fim da língua, prossegue aquecendo o esôfago e alivia o peso na alma de mulheres contemporâneas cansadas. Pra acompanhar embutidos, assados e miojos de carne.

3

Fico tentando me lembrar quem é que teve a brilhante ideia de chamar a Vida Plena como consultoria de bem-estar pra Care Baby. Tá certo, a caneta foi minha, essa é a função de uma

Diretora de Gente, contratar consultorias pra resolver o problema de liderança e engajamento de gestores que não são líderes e não são engajados. Aliás, como é ridículo esse nome, Diretoria de Gente, por que dar nomes bonitos ou cool se no fundo, no fundo, nada mais é do que um Departamento de Recursos Humanos, o não-tão-bom e velho RH? E o nome ‘gente’ nem é bonito, nem é cool, mas talvez dê a impressão de ser mais humano. Fico imaginando uma cena da galerinha geração Z em uma piscina de bolinhas descompressora, tendo altas conversas imaginativas enquanto toma kombuchas: ‘pessoal, vamos deixar de ser recursos humanos pra sermos mais humanos!’, ‘uhuuuu, isso mesmo, vamos falar que gostamos de gente chamando a área de diretoria de gente!’. Tudo vira verdade no papel, no slack, nos pôsteres pelas paredes, na camiseta dada aos estagiários, mas a realidade é foda e gostar de gente é uma premissa forte demais pro mundo corporativo.

Mas lembrei, quem me falou da Vida Plena foi o Nellinho, carioca que toma suco verde durante a vídeo, usa uma bola de pilates como cadeira de trabalho, tem uma tatuagem de ohm no antebraço direito, é guitarrista em uma banda de rock indie, exala pelos poros do seu torso bem delineado um cheiro másculo de almíscar. Na real, não sei o que o Nellinho faz na Care Baby, ser o dono da Vida Plena seria algo bem mais alinhado ao perfil dele do que ser head de produtos. Inclusive, a Joyce-da-Vida-Plena, parece uma versão feminina do Nellinho, talvez seja por isso que eles viraram amigos (?) na Singularity.

Inclusive, depois que ele voltou desse curso na Califórnia, tudo o que ele mais fala, e olha que ele gosta de falar, aff, é que nosso foco deve ser nas pessoas e no planeta. ‘Pra cuidar do planeta é mais difícil, afinal de contas, nosso business é fralda descartável, quanto mais babies e fraldas lotando de plástico os lixões, melhor; bora então pensar em pessoas, vulgo nossos funcionários, pra elas terem mais ideias de como vender fraldas e aumentar nossos bônus todo mês de abril’. Facilmente, essa seria uma frase do Nellinho no Comitê Mensal. Ele foi promovido na mesma época que eu, mas virou segundo na linha sucessória, gente importante, o único que o Koguinho ouve. Deve ser pela competência do Nellinho, mas, mais do que tudo, pelo puxa-saquismo. E o Koguinho curtiu essa moda de apostar em ambientes de trabalho harmônicos, dá ibope tanto dentro quanto fora da empresa, foi chamado até pra dar entrevista em videocast, reportagem, congresso de RH. Isso até a próxima onda de cortes de custos e demissões em massa, é claro.

A questão é que a Joyce-da-Vida-Plena, nessa tarefa hercúlea de fazer o board e a média gestão não enlouquecerem em um cenário pós-pandêmico de home-office, burnouts e quiet-

quitting – tudo isso estava no briefing pra ela, um monte de termos em inglês que tem afetado e muito nossos indicadores brasileiros de produtividade –, propôs uma série de atividades-poesia de reconexão do eu com o eu como uma forma de conectar esse eu com o outro. Meditações, massagens, atividades ao ar livre, sessões de pinturinha com os dedos, piquenique no deck, páginas matinais. Tem os que amam, os que odeiam, a gente faz uma média e tá valendo, a iniciativa se sustenta. Eu sou do time que odeia, podia estar fazendo uma call com a Anni de Estocolmo ou então desovar um monte de pendências, mas não, tô ali sendo a supersponsor do loving-way-of-doing-business.

Só que o Nellinho e o Koguinho amam. Eles acreditam, com convicção, que ações ‘pão e circo’ como essas mexem ponteiro, são as soluções pra galera entregar mais, e mais, e mais, e mais. No coliseu corporativo, eu cumpro a missão sagrada de uma profissional da Diretoria de Gente da Care Baby, proporcionando a melhor experiência de trabalho pros clientes internos. Sobretudo quando essa experiência significa atender aos caprichos de imperadores mimados e imediatistas, e evitar ser decapitada corporativamente.

4

Soube que a Rebeca-da-Auditoria tá grávida de uma menina. Descobri essa informação porque a minha equipe colou com fita-crepe umas bexigas rosa com fitilhos pink em cima da mesa dela, simulando balões de gás hélio. Uma breguice só, mas a turma ama. Às vezes, tenho a impressão de que a Care Baby, por ser uma empresa que vende fraldas e tem fotos de bebês por todos os cantos e dá kits-fralda premium como benefício às grávidas e coloca aromatizadores nos banheiros com cheiro de talco, se torna um ambiente propício pra se engravidar. Cada mês, dois bebês. Em RH, já temos um orçamento fixo pra bexigas rosa e azul, as queridinhas das festas de quem vai colocar mais uma criança no mundo.

Dei um abraço de meio segundo na Rebeca e peguei, por simpatia, um brigadeiro com aparência de seco que estava lá pra quem fosse parabenizá-la pela boa nova. Ela estava radiante com a novidade e alisava a barriga que já aparecia embaixo do vestido estampado de viscose, parte integrante do guarda-roupa de 95% das grávidas da Care Baby. Aproveitei a viagem e dei uma bizoiada no Silvinha, afinal de contas, essa é minha função, notar o clima organizacional no morno e no calor das emoções do dia a dia. Sentado na diagonal, ele coçava a barba e tinha

uma dobra entre as sobrancelhas, indícios de ser mais um espécime da espécie *Chefís escrotus*, aquele que a gente luta pra ser extinto, mas é pior que barata, continua vivo até no apocalipse.

Fui pra minha mesa, me encostei na cadeira alta e olhei pras bexigas no fundo da área. Fiquei pensando como é estranho ver todo aquele auê por uma gravidez. E não é porque sou uma idiota igual o Silvinha, cruzes. Aliás, nada mais careta. Por mim, implementaria as licenças-paternidade como acontece lá na matriz, onde o pai divide quase 500 dias de licença com a mãe. Acho que isso mudaria a cara das famílias, das empresas, da sociedade. Mas a Care Baby Suécia não quer bancar ser a diferentona em um país retrógrado como o nosso, o que significa, em termos práticos, que ela não quer pagar a conta. E tenho as minhas dúvidas se os pais e chefes da Care Baby Brasil se entusiasariam com tamanha igualdade de papéis.

A questão que me pega é o foco exagerado das pessoas em pensar em fraldas de bebês ao invés das fraldas geriátricas.

Me explico. Depois de quase 15 anos trabalhando na mesma empresa, com o mesmo tipo de produto, acho que posso escrever um post de LinkedIn, uma matéria pra Exame, talvez até um artigo pra algum congresso, sobre o papel social da fralda descartável. A fralda é a comodidade e o custo, a higiene e a poluição, a rapidez e a efemeridade, a tecnologia e o arcaico. É algo que amamos antes de usada, com sua aparência asséptica e plástica, mas que odiamos depois do uso por nos lembrar dos nossos cheiros, dos nossos corpos, dos ciclos infinitos de xixis e merdas, das sujeições que se iniciam ali na relação entre quem usa e quem troca a fralda.

E, apesar de só querermos comprar (e lembrar de) fraldas pra bebês, eis que surge a fralda geriátrica com o pesadelo da vulnerabilidade, da falta de controle, da dependência, da doença, do fim.

A fralda é aquilo que une as duas pontas da vida. É o que evoca à efemeridade do nascer e do morrer, e da nossa fragilidade nesses dois momentos supremos.

E quando penso na minha vida, costumo associá-la mais a fraldas geriátricas do que a de bebês. Sobretudo depois do fim com o Zeca. Pode ser uma forma pessimista de se ver o futuro, uma visão meio copo vazio, digamos. Mas é como se eu tivesse a plena noção de que um dia a Cidinha vai ficar velha e vai depender de mim, e que eu ficarei velha e dependerei de alguém, provavelmente uma enfermeira mal-educada de uma clínica geriátrica glam na Flórida. E, nesses momentos, a fralda geriátrica vai estar lá, me lembrando de um passado no qual me tornei diretora de uma empresa de fraldas com 33 anos, acumulando salários pra uma vida digna

e confortável, o que significa, de forma simplória, a liberdade pra gastar com fraldas geriátricas quando precisar, com quem eu quiser.

É por isso que luto por incluir fotos de velhos pelas paredes da Care Baby e aromatizar o banheiro com cheiro de água de colônia. Mas não tem jeito não, sou voto vencido contra a turma forever-young-vibes.

5

Faz uns dias que eu não escrevo, já perdi a linha. Preciso recapitular.

Vamo lá Lia, as páginas podem ser sobre o tudo e sobre o nada. Memórias, decepções, conversas, opiniões, tretas, sonhos. Você pode até misturar lances mais etéreos com a lista do mercado, olha só a praticidade das páginas matinais, um combo de benefícios, minha senhora.

comprar papel higiênico - papel toalha

Hoje eu sonhei que estava em um barco. Parecia um barco rústico, de madeira escura. Eu tava sozinha ali no convés, tentando alterar a rota daquele monstro, mas não conseguia. De repente, a uns 50 metros, vejo a Cidinha em uma ilhota com uma cauda de sereia. Ela canta maravilhosamente bem e, ao mesmo tempo, chora. Eu me desespero e resolvo mergulhar até ela, pra ver o que ela precisa. Só que, pelo jeito, não sei nadar e começo a me afogar. Cidinha pula na água atrás de mim e já não tem mais cauda de sereia. Fim.

Eu acordo com falta de ar.

Ontem liguei pra Cidinha e ela reclamou mais uma vez que faz tempo que eu não vou até São Bernardo. A voz tava deprê, conheço a fofa. Ultimamente, a carência anda abraçada no pescoço dela, tipo o vestido de cisne da Björk naquele Oscar dos anos 90. Pelo jeito, não basta eu dar bom dias com stickers no Whatsapp e fazer uns stories com fotos nossas de vez em quando. Onde já se viu mães quererem presença física além da virtual? Essa geração early-X é insaciável mesmo.

arroz arbóreo - tomate seco - mussarela de búfala

Ir pra São Bernardo é um saco, no mínimo uma hora e meia pra cruzar 25 kms. Mas o problema não é bem esse. Na última vez que fui pra lá, fiquei com uma sensação de despertencimento. Não sei se existe essa palavra, talvez não, mas foi justamente o sentimento que tive ao ver uma casa que já foi minha e não é mais, depois da troca de eletrodomésticos, substituição de cortinas e pintura das paredes. Nem a cozinha é mais a mesma, já não tem aqueles azulejos de flor amarela e marrom, tudo exagerado como era a estética dos anos 70. É claro que essa mudança não aconteceu de uma hora pra outra, mas aos poucos, como a areia que cai de uma ampulheta, um grãozinho atrás do outro até não sobrar nada na parte de cima. De repente, na parte de baixo tem mais areia e não dá pra fazer os grãos voltarem de onde vieram.

O tempo passou.

Ainda vejo uma ou outra foto minha da época que eu usava piercing no umbigo ou de quando não tinha dentes, em porta-retratos com filetes dourados que já não são mais dourados. Mas aquela também não sou eu, ali está uma promessa do que seria hoje, uma esperança de que o futuro podia ser surpreendente. Se isso significava que a menina de óculos beges faria faculdade, se tornaria executiva de uma empresa de bens de consumo não-duráveis e teria seu próprio apartamento em São Paulo, a promessa realmente vingou. Mas se for de alguém que formou uma família, com marido, gato, cachorro e filhinhos, em plena conexão com a vovó Cidinha, béeee, nada feito.

goiabada - queijo minas

Chamei a mãe pra jantar semana que vem aqui em casa. Ela detesta vir pra São Paulo, só vem quando tem corrida por aqui, ou seja, quase todo o tempo porque é praticamente obrigada pelo aplicativo. Mas vai e volta, nunca por vontade própria. Tive que convencê-la dizendo que tava tendo um problema com meu carro, um barulho estranho toda vez que viro o volante.

vinho – ver contratação dos trainees - chegar mais cedo pra faxinar a casa

Ela ama quando preciso dela e, ultimamente, isso é cada vez mais raro. Preciso mentir. Também disse que fiz uma encomenda pra uma funcionária de Minas comprar uma goiabada cascão lá da cidade dela porque sabia que ela iria amar. Ela ficou toda-toda com a tal da goiabada. Espero que lá no Pão de Açúcar encontre uma que seja cascão e que não seja de Atibaia.

6

Hoje cedo tenho terapia com a Mônica. Vou aproveitar essa chatice das páginas matinais pra criar um roteiro do que vou falar com ela na sessão de hoje, definindo macrotemas. A ideia é ser bastante precisa nos detalhes pra não parecer uma idiota desmemoriada na hora da sessão.

Ela vai amar como eu tô transformando a nossa sessão de terapia em uma reunião de follow-up. Daqui a pouco, vou definir metas e recompensas a cada nóia superada na vida, já quem sem elas tá difícil superar qualquer coisa que seja.

TEMA 1 – ZECA: Depois que deixei de segui-lo no Insta, por coincidência, recebi uma mensagem dele via Whatsapp. Na verdade, era apenas a palavra ‘lembra?’ e a foto de um vira-lata.

E eu lembrei.

Era uma fatídica madrugada de 2007. Pangaré tava cabisbaixo fazia alguns dias, não se jogava freneticamente em cima de mim quando chegava da facul. Que alívio. Eu só aturava aquele cachorro fedorento só porque Fernanda começou a pagar a mais na divisão de despesas da casa depois que ele foi adotado por ela. Passou a sobrar mais dinheiro pras beras pós-aula.

Naquele sábado à noite, vi um vômito de ração na porta da cozinha. Com nojo, pulei a poça. Devia ser uma indisposição natural de cachorros furrebas quando deixavam de devorar restos de arroz e passavam a comer rações premium. Mas, quando me deitei, comecei a ouvir barulhos vindos de Pangaré. Achei estranho. Fui atrás da Fernanda, era a única luz acesa na república Delta Nua.

Ao abrir a porta, ela tava com a maquiagem borrada e bafo de pinga. Falei que o Pangaré tava vomitando coisas nojentas e uivando embaixo da minha janela. Fernanda se jogou em cima de mim e começou a chorar. ‘O meu Pangarézinho?!? Não pode seeeeeer, eu não quero que ele moooooorrrraaaaaa’.

Percebi que, dali, não viria ajuda nenhuma. Catei a chave do Uno Mille dela e resolvi levar o vira-lata até um médico de cachorros. Lembrei de um calendário na cozinha com o desenho de um cachorro feliz, e os dizeres Oh My Dog Vet Place. Além das nossas anotações de pagamento do aluguel, choppada da Odonto e faxina, o calendário tinha o telefone e o endereço da clínica.

Quando cheguei no local, à 1h00 da manhã com um cachorro de 12kg molenga no meu colo, a luz branca e as figuras deformadas de cachorros e gatos pintadas pelas paredes irritaram meus olhos. Ali, só tinha um recepcionista e ele lia um livro. Ao ver o cachorro nos meus braços, deixou o livro de lado e se levantou, olhando pro animal. ‘Boa noite, garotão!’ (...) Hummm, oi, vou precisar que você preencha essa ficha.’

Deixei Pangaré em uma das cadeiras da sala de espera e, ao pegar a prancheta, reparei no Mrs. Dallloway em cima da mesa da recepção. O cara contornou o balcão de atendimento, foi até Pangaré e passou a mão pela cabeça do animal. Ele usava uma barba malfeita, óculos sem graça, camiseta esgarçada do David Bowie e um cabelo ensebadamente charmoso. ‘Como se chama o garotão?’ Respondi, de bate-pronto: ‘Hmmm, Orlando.’

‘Nossa, você é fã da Virginia também?’

‘Desde criancinha’.

O cara sorriu e notei em seu rosto uma covinha em sua bochecha esquerda. Ele pegou Pangaré com cuidado, seguiu pra uma sala do lado esquerdo da recepção e pediu que eu o acompanhasse. Ao chegar na sala mequetrefe, o cara apontou uma cadeira pra eu me sentar e colocou Pangaré deitado em uma mesa de inox no centro. Ele próprio ligou a luz branca da mesa e, em seguida, vestiu um jaleco branco pendurado ao lado de um armário.

Lembro de ter ficado em êxtase. Afinal de contas, o recepcionista-cabelo-sujinho-leitor-de-madamewoolf também é veeeet! Certeza, ele devia ser uma daquelas criancinhas apaixonadas por galinhas e formigas que respondia “veterináaaario, tia” àquela pergunta dos infernos “o que você quer ser quando crescer?” e que não sucumbiu às pressões do mundo capitalista. Praticamente um Dr. Dolittle.

No uniforme do recepcionista-veterinário, consegui ler os dizeres bordados em preto “Dr. José Carlos Baggio”, além de micro patinhas de cachorro espalhadas em volta do seu nome. O Dr. Vet tocava na barriga de Pangaré, ouvia seus barulhos intestinais e cheirava o

hálito daquele animal com tamanha paixão que comecei a desejar ser eu a criatura tocada por ele no frio daquela mesa de inox.

Ao levantar o rosto pra falar sobre verminoses e vermífugos, acariciando Pangaré, percebi que seus olhos, por trás da armação em acrílico bege, eram azul-mar-profundo.

‘Orlando, pode voltar pra sua amiga, logo logo você vai ficar bom!’

Pangaré, o cachorro da foto, tinha se apaixonado pelo Dr. Vet-Pet. E eu também.

Depois de lembrar tudo isso, voltei a pedir a amizade dele no Instagram. Mais uma sessão de terapia sendo monotemática, pelo jeito.

7

Ontem a Fernanda me chamou pra almoçar. Pra isso acontecer, deve tido algum ataque hacker em todos os laptops, smartphones e chefes-robôs lá no banco que ela trabalha, não é possível. Nunca vi executiva com agenda mais lotada. Vive dando entrevistas, participando de reuniões na Febraban, palestrando em simpósios, sempre de mocassim salto 10. A gente não se via há uns meses, apesar de ela trabalhar em um arranha-céu chiquíssimo a duas quadras do prédio da Care Baby.

Decidimos comer no shopping, em um buffet daqueles com cara e preço de sofisticado, mas que, na real, te entulha de salame e bolinhas de queijo. Eu a vi de longe, mas quem chegou primeiro foram suas olheiras. Nem o corretivo Lâncome deu conta do arroxeadado abaixo dos olhos. Ao dar um beijo, ela me abraçou e ali demorou, passando do ponto de mero cumprimento pra se tornar aquele excesso de toque que ela sabe que eu odeio.

‘Lia, tô grávida.’

‘Hã?!?’

Putá que o pariu, até tu, Fernanda?!? Onde tava a minha amiga executiva-foco-na-carreira que sempre tinha um discurso feminista sobre a pressão da maternidade nas mulheres?

Que vivia me mandando meme de mãezinhas descabeladas com o comentário ‘cruzes’? Aquela que falou do trampo que é fazer laqueadura neste país?

Sentamos. Depois de pedir pra ela parar de zuar, a Fernanda me disse que havia feito o teste ontem, no vestiário, depois da aula de hot yoga. Quando viu o resultado, já não sabia o que era lágrima ou suor. Hoje cedo, refez o teste. ‘Aí, foi só lágrima mesmo.’

A notícia da gravidez da Fernanda foi um baque e até agora tô processando a informação. É como se eu perdesse uma aliada, alguém que compreendesse as mesmas delícias e angústias de não ter filhos, pelo menos até aquele momento. É óbvio que ficávamos balançadas com a dúvida porque tínhamos o famoso temor do “se arrepender no futuro”. Mas, ao mesmo tempo, o desejo de gerar, de parir, de cuidar nunca aflorou. Ou nunca tinha aflorado, pelo menos da minha parte.

Além disso, a gente sempre detestou os rótulos colocados às mulheres que não tem filhos, tipo as “sem filhos” ou as “não-mães”. Era como se estivesse atrelado, nessa denominação, uma conotação negativa por algo que dizia respeito somente às nossas vidas. Por isso, a gente criou um título pra nossa “condição”: as LFs, ou as “livres de filhos”, traduzindo o termo do inglês *childfree* e uma brincadeira com as iniciais dos nossos nomes. Era maravilhoso ter a palavra “livre” associada a uma escolha pessoal e nos uníamos ainda mais como amigas dentro dela.

Acho que a decepção ficou clara na minha cara a ponto de ela me dizer: ‘não queria estar grávida, Lia, tô com medo’. Tentei disfarçar a cara de cu e quis saber de quem era o bebê. ‘Porra Lia, do Edu né?’ Ela sabe bem que essa pergunta não é tão absurda, mas pelo jeito tá numa fase calma. ‘Um bebê poderia tornar a nossa família mais completa, sabe?’.

Depois de chamá-la de burra por ter caído nessa cilada e dizer que bebês não completam famílias fodidas, Fernanda começou a chorar. ‘Tava cansada de ser sozinha, Lia’. Que caralho, peguei pesado, o sincericídio ia dilacerar ainda mais a alma versão-gestante da minha amiga. Pra evitar o vexame entre os ricaços que enchiam a pança com pasteizinhos de feira, resolvi dar umas respiradas, tal como a Mônica me indicou. Ela chama isso de mindfulness, eu só consigo pensar em trabalho de parto pros pensamentos aflitivos.

Peguei a mão da amiga-irmã que conheço há 18 anos. A melhor parceira de choppadas, de conversas sem fim por telefone-sms-messenger-whatsapp, de pegação no carnaval de Ubatuba, de inseguranças na fase inicial dos namoros, de raivas com fornecedores nos

preparativos de casamento, de comemorações a cada promoção no trabalho, de vinhos rosé pra falar mal de chefes e maridos, de apoio em cada crise familiar... agora precisava de mim.

Dei três passadinhas com o indicador pelos seus dedos, pedindo pra ela ter calma e logo voltei minha mão pro colo. Disse que não era pra ter medo de nada, o bebê será saudável e lindo, isso se puxar a ela, é claro. Ela enxugou as lágrimas com o punho da camisa de seda.

‘E se eu odiar ser mãe, Lia?’

Comecei a cutucar minha cutícula do dedão enquanto pensava no que responder. Como dizer a ela que, a partir do momento que o espermatozoide do Edu encontrou seu óvulo e gerou um embrião, nada mais na sua vida será igual, desde as atividades bestas como comer-dormir-mijar, até as sofisticadas como fazer um sabático pra aprender gastronomia no Vietnam ou flertar com executivos em congressos. E que quando se trata de sentimentos, nada é padronizado como nos perfis de influencers gravidinhas ou garantido como nos comerciais de margarina.

Ela já sabia de tudo isso, a pergunta era só retórica.

Ativei meu lado mais amável. Disse que ela podia até odiar ser mãe, mas amará o bebê, assim como eu também o amarei. Acho que ela se convenceu. Sorriu. Moveu seu rosto pra baixo, passou a mão em sua barriga negativa e disse ‘olha só, meu amorzinho, até a titia Lia te amará. E vai te dar muitas fraldas de presente’.

Precisava de um croquete e um Malbec, depressa.

Malbec, malbequinho, socorro frente às surpresas do caminho. O Mendocinus, safra 2017, sangue puro de uvas Malbec, é uma versão de corpo mais leve, perfeita pra papos pesados. Nada de arranhar garganta, dar ressaca, se sentir nocauteada com esse hermano. No nariz, aromas de especiarias, ameixa madura, cordilheiras com neve; na boca, taninos sedosos como um sorriso de bebê. Pra acompanhar receitas e notícias agrídoces.

Comprei uma lapiseira mais macia pra escrever nesse caderno. Coisa fina, deve ser alemã, tem peso equilibrado, microsaliências e diâmetro largo pra melhor aderência e conforto. Já comprei os grafites da mesma marca pra não cair na tentação de usar aqueles furrebas, que vivem quebrando. O vendedor tinha uma voz mansa e olhos caídos de basset hound, não tinha como não comprar depois de tanta explicação técnica. Isso porque tenho um asco de lápis sem apontar e quero fugir das canetas. Nada é tão definitivo na vida, por que as páginas matinais deviam ser?

Nunca tinha conversado muito com a garota. Claro, quando a Maju resolveu contratá-la, bati um papo de 7 minutos com ela pra bater o martelo. O meu corpo podia estar ali de frente pra garota franzina de 18 anos com pontas do cabelo escuro pintadas de azul e maquiagem pesada, mas a minha cabeça redigia um e-mail de resposta à Anni sobre temas-jabuticaba, típicos de um RH no Brasil. A primeira impressão, depois do visual modernoso, é que seus olhos pareciam globos de discoteca, refletindo luz por todos os lados daquela sala bege. Respondi um ‘manda bala’ pra Maju e duas semanas depois, ela entrou no nosso time.

A Laura, como depois memorizei, já tava na área havia uns três meses. O feedback da Maju era so far so good e olha que a Maju é chata pra cacete. Pelo jeito, a garota se dava bem com todo mundo e tinha um talento pra fazer apresentações. Pronto, podia ser head de algum departamento.

Ontem, ela pediu pra conversar comigo, já tinha visto uma janela na minha agenda. Perguntei se a conversa podia ser ali na minha mesa mesmo e ela disse que não, ‘a gente não pode ir lá no café?’. Essa geração Z é mesmo abusada, até parece que a Lia-versão-estag ia chamar o chefe da área pra tomar um café. No máximo, ia conseguir uma sala de reunião e se cagaria de nervoso desde o convite por e-mail até colocar o pé do lado de fora da sala, depois de uma fala trêmula e dispersa.

No café, Laura pediu um achocolatado e eu pedi o clássico espresso curto sem açúcar. Enquanto esperávamos nossas bebidas e falávamos trivialidades do tipo ‘quem toma café sem açúcar é psicopata’ e ‘quem toma toddynho sofre de síndrome de Peter Pan’, minha mente entrou num universo de possíveis situações que a Laura queria compartilhar comigo.

tô grávida – fui assediada sexualmente por um diretor – alguém tá roubando o meu danette da geladeira da cozinha – tô com burnout – quero sair do trabalho pra ser skatista – tô sentindo preconceito da galera careta só porque curto me vestir num estilo emo-vamp-romântica – fiquei

sabendo que a Tina tá vazando informação de salários pros chapas dela em outras áreas – cansei de fazer power points, quero agora participar do board – posso fazer um horário flexível e trabalhar de madrugada – tô namorando o Gutinho do Pricing, o que preciso fazer – a minha vizinha de mesa fede cecê – o pessoal tá reclamando porque eu trago peixe de marmita.

Ela desmanchou o coque desarrumado, deixou ele ainda mais bagunçado; com esse movimento, veio junto um cheiro de shampoo de maçã verde. Laura abriu o jogo. Disse estar se preparando pro vestibular e pensa em seguir na área de Gente. Segundo ela, é uma oportunidade maravilhosa de fazer diferença na vida das pessoas no trabalho e queria ser uma profissional foda como eu. ‘Será que você pode dar umas dicas de como eu posso chegar aonde você chegou?’

Comecei a cutucar a cutícula do meu indicador direito.

Nunca pensei no RH como sendo uma área que tinha um papel social relevante como o que a Laura me expôs de forma tão ingênua, mas também apaixonada. A Care Baby foi uma das poucas empresas que aceitavam candidatos do curso de Letras no programa de estágio e foi a única que eu passei. Caí de paraquedas na área de RH e, naquela época, ajudava a fechar a folha de pagamento, carimbava carteiras de trabalho e fazia cartazes pras festinhas da área. Era uma época boa, finalmente realizava o sonho de usar sapatos de bico fino, ainda que parecesse uma pata-choca caminhando pelos corredores do escritório.

Os anos foram passando. A empresa cresceu, o escritório ganhou dois novos andares, os sistemas e procedimentos foram atualizados, e fui sendo promovida a cada dois, três anos. Analista júnior, analista pleno, analista sênior, especialista, coordenadora, uma sequência de cargos que, se as atividades pouco mudavam, o restante sim: o crachá, o salário na conta, o status no cafezinho, a quantidade de planilhas excel a lidar por dia, o estilo da roupa, as pessoas que passavam a saber do meu nome.

Mas a área de RH é pequena, sempre foi. Talvez em uma empresa de mais de 10 mil funcionários pudesse ser diferente, mas não era o caso da Care Baby. Quando fui coordenadora, além de mim, havia três analistas e a gestora da área, a Clara. Na época, a Clara não era Diretora, e sim a Gerente de RH. Foi ela quem me contratou quando era uma especialista e, de certa forma, fomos crescendo juntas na empresa. Ela me ensinou quase tudo o que eu sei sobre as rotinas, as chatices, os melindres, as oportunidades de um RH. Ela tinha um baita jeito com pessoas, era vista como mentora informal de quem entrava na empresa e amava uma festinha

corporativa. E, no meu caso, o mais legal era ela gostar de mim, tanto dentro quanto fora da Care Baby.

Um dia, a Clara ficou grávida e saiu de licença-maternidade. Apesar da promessa do board de que ela voltaria, inclusive após ela fazer uma superproposta de modernização da área, nada é escrito em pedra no condado da Faria Lima. Uns dias depois da saída da Clara, o Koguinho me chamou na sala dele. Ele havia assumido o cargo de CEO pouco tempo antes e, pelo que notei, não era apegado ao trabalho dela e nem às promessas feitas a seus funcionários. Koguinho me ofereceu um aumento de salário, um cargo de gestão, um título bonito pra eu colocar no LinkedIn, a oportunidade de fazer parte do board e a responsabilidade de criar a área de Gente. Tudo isso em troca de assumir a posição da Clara, ganhando menos que ela e com uma funcionária a menos no time.

É claro que eu topei. Se não fosse eu, ia ser qualquer fulana do mercado. E, além de tudo, seria eu a funcionária a ser demitida, por ter o segundo maior salário da área. Simples assim.

‘O que foi Lia, o café tá muito amargo?’

Tá, Laura. Ele tem gosto de ida à maternidade, de visita ao quartinho de bebê, de confidências sobre o medo do retorno, de mensagens inseguras sobre a busca de uma creche, da compra de novas roupas de trabalho adaptadas a um corpo no puerpério, de abraço de boas-vindas, de olhar de decepção pós-demissão, de amizade destruída, de fofocas pelos corredores sobre eu ser a traíra da vez.

‘É Laura, ainda é amargo.’

A garota franziu a testa com poucas marcas de expressão.

Cidinha fala que, de tempos em tempos, eu devia me confessar com o Padre Carlinhos pra eliminar essas culpas e cargas. Prefiro o inferno. Mas o peso nos ombros só aumenta e os músculos do trapézio não tão dando conta, acho que é efeito de uma pré-pré-menopausa. Depois daquele café, o peso aumentou 12 quilos.

‘Trabalhe bastante e seja uma boa pessoa, garota. Aí você será bem mais foda do que eu.’

Ao me levantar, Laura disse que estava adorando meus *posts* sobre vinhos. Porra, como é que ela sabe do Leio Vinhos? Hoje nada mais pode ser íntimo, secreto, que merda são esses algoritmos. Complementou que tinha comprado uma das garrafas que indiquei. ‘Vou tomar no final de semana com o Gutinho, ô do Pricing. Cê sabe que ele é meu namorado, né?’

Saí da mesa direto pro banheiro. Precisava me recompor e evitar o efeito panda na make.

9

Antecipei a escrita das páginas de amanhã porque tem comitê logo cedo. Essas serão as páginas notívagas. Vou trocar de lugar com a louça, só passei uma água pra não ficar ressecada pra amanhã. A Cidinha acabou de sair de casa. Ela devorou a sobremesa, nem ficou frustrada porque não tinha a goiabada que eu prometi. Pior que não achei a tal da cascão, me dei mal, talvez porque tenha deixado a compra pra última hora, aí é claro que não vai ter no Oxxo. Resolvi comprar um tiramisú no Don Carlo, iguaria dos deuses, custou 10x o preço da goiabada cascão de Viçosa, mas, de cara, ela torceu o nariz. Disse não gostar de café à noite, ‘mas mãe, tem pouquíssimo café no tiramisú, acho que hoje em dia é só essência’, o que é mentira, o chef do Don Carlo é mais italiano que o Andrea Bocelli, nunca cometeria tamanha atrocidade ao carro-chefe das sobremesas italianas. Meio a contragosto, ela provou, ‘até que tá bom mesmo, ainda mais com esse chantilly cremoso’.

O jantar foi ok. Notei que Cidinha estava um pouco mais curvada e abatida que o normal. Ela é nova, não tem nem 60, mas tava parecendo uns dez a mais. Comecei a noite perguntando se ela tava trabalhando muito e ela me disse que sim. ‘Jesus, você viu que horror o preço da gasolina?’. Ah, se ela soubesse que faz tempo que não ligo pra isso... ‘Nossa, demais, né mãe?’

Eu não sei o que deu na Cidinha pra ser Uber. Ela não tinha muitos gastos, recebia o aluguel da casa da frente, eu pagava seu plano de saúde. Talvez uma vida inteira sendo vendedora, ops, revendedora de Yakult tenha deixado ela viciada em fofocar com as pessoas. E em rodas. Um dia, faz uns cinco anos, ela me contou que deixaria de vender yakults, taffmanes e sucos de maçã porque cansou de puxar o carrinho por calçadas esburacadas e levantadas por raízes de árvores. ‘Essa prefeitura, Jesus, a gente paga imposto pra nada mesmo.’ Também tava achando que São Bernardo já não era o lugar seguro de quando ela começou, na metade

dos 80. A Matilde, que cobria o Planalto e o Independência, tinha sido roubada duas vezes, coitadinha. Depois da decisão de sair, numa tarde de sábado, ela reuniu toda sua clientela e fez uma festa de agradecimento, com direito a bolo no formato de Yakult. Eu e Zeca fomos também. Se somasse a idade de todas as senhorinhas presentes superaria a do Matusalém. Ela até organizou um bingo e eu ganhei o prêmio da tarde, uma bolsa térmica pra yakults. Foi um xororô só de velhas gritando ‘marmelada, marmelada!’.

Um mês depois, ela me ligou dizendo que tinha decidido virar Uber. ‘Se você achava que as calçadas eram esburacadas, o que é dirigir no campo minado das ruas do ABC? E se achava perigoso ser uma mulher com carrinho de Yakult pelo Alves Dias, imagina ser uma mulher dirigindo nas bocas de São Paulo, pegando corridas com sujeitos esquisitos que poderiam, sei lá, estuprá-la, esquartejá-la, escondê-la no porta-malas?’ ‘Menos drama, Lia.’ Ela disse querer ser útil pra sociedade e achava que levar as pessoas pra onde elas precisam ir é uma boa missão. ‘Melhor do que ajudar intestinos lentos com lactobacilos vivos’. Ela terminou a ligação dizendo que tava sentada no carro pronta pra acionar o aplicativo pra primeira corrida. Só pude dizer ‘bom trabalho’. Ela agradeceu e disse que Jesus Cristo estaria sempre com ela.

Cidinha segurava seus cotovelos, mexia as pernas. Ofereci uns queijinhos. ‘E a Marta, mãe, tá boa?’. Ela parou de mastigar, olhou pro pedaço de queijo brie na mão esquerda e depois pra mim.

‘Jesus, ela não tá boa não, Lizinha.’

Acho que, hoje em dia, a Marta é a melhor amiga da minha mãe. Elas ficaram mais próximas quando saí de casa. Vários fatores ajudaram nesse processo, tipo a Cidinha tava sozinha, a Marta é uma viúva sem filhos, as duas iam pra mesma igreja, a casa da frente ficou vaga, a Marta tava querendo mesmo se mudar pra um lugar sem escadas, a Marta virou inquilina da mãe e aí, pronto: as duas viraram besties. Sempre iam à mesma missa de sábado à noite, montavam quebra-cabeças, tomavam uma Malzbier no final de semana, assistiam à novela das seis.

‘Ela começou a fazer xixi com sangue. Aí, fiz um chá de quebra-pedra, tiro e queda’. Pelo jeito, não foi tão tiro e queda assim, ela começou a sentir dores. Minha mãe achou estranho e resolveu levar a amiga até o hospital. O clínico geral naquele plantão, um rapazote com cara de bêbado, pelo jeito, não era tão disperso ou displicente quanto parecia. ‘Isso precisa ser investigado, minha senhora, vou te passar o nome de uma profissional lá do HC’. Pra adiantar,

ele pediu um exame de imagem pra ser levado na consulta com a especialista e deu um remédio pra dor.

‘Agora tamo aguardando a consulta da médica. Só daqui um mês.’ Cidinha disse que ela não quer abrir o envelope do exame e, por isso, tá com os nervos à flor da pele. ‘Colocamos a Marta como intenção de uma novena da Nossa Senhora Desatadora dos Nós no WhatsApp e eu chamei ela pra ficar lá em casa, no seu antigo quarto, tá bom, Lizinha?’ Disse que, assim, ficava mais fácil cuidar da amiga no seu tempo livre.

Às vezes, faço um jogo comigo mesma em que eu me coloco em situações-limite vividas por pessoas boas e generosas, e fico tentando imaginar se eu também seria uma pessoa boa e generosa. A resposta não é clara. Às vezes, acho que sim, mas, quase sempre, acho que não. Não sei se traria a Fernanda pra morar comigo pra cuidar dela, por exemplo. Talvez seja por isso que não tenho muitos amigos, não tenho colegas no trabalho, não sou mãe de pet, não tenho mais marido, não tenho a melhor das relações com a minha mãe. Bem que podia ter um e-book pra gente aprender a ser uma pessoa boa nos anos 2020, com direito a certificado no fim da leitura. Quem sabe isso daria uma paz na alma de, digamos, umas 30 horas pra gente?

Sentei do lado da minha mãe e passei meu braço pelos seus ombros. ‘Claro que sim, mãe.’ Disse pra ela que aquele quarto haveria de dar muita sorte pra Marta. Ela sorriu e segurou na cruz que ela carrega na correntinha do pescoço.

‘E ainda bem que passei no Don Carlo e comprei bastante lasanha, você vai poder levar uma quentinha pra ela’.

Barbera D’Alba Giordana, quanto mais se toma, mais se ama. O isolamento social das uvas da safra 2020 tornou esse vinho piemontês ainda mais generoso na maciez dos seus taninos e no sabor de fruta colhida no pé. Por ser elegantemente complexo, pede silêncio pra poder, enfim, respirar. Harmoniza com molhos vermelhos consistentes como o da lasanha e o do amor entre amigas-filhas-mães. Beba sem moderação.

Vou tentar recriar aqui a minha sessão de feedback de ontem. Em geral, a gente só quer esquecer, uma coleção de pérolas e bullshitagem, mas ontem foi diferente. Tá bom, ainda foi bullshitagem, mas pelo menos teve um desfecho inesperado. Daqueles de não querer esquecer.

Cheguei cinco minutos adiantada na sala de reunião. Comigo, um bloco de notas e impaciência. Meu grau de carisma tava finalmente alinhado com o da Anni. Na fila da simpatia, ela passou longe. Falar inglês não era o problema, a vida inteira estudei essa merda, mas a sensação de parecer uma criança falando com a professora me deixa bloqueada. Anni tinha que falar num inglês tão perfeito? Nessa de me preocupar sobre o que ela acha da minha pronúncia esdrúxula, passando pro terror de ela achar que a minha performance é esdrúxula também, perco totalmente o foco.

Sangrou de novo. Essa mania de ficar cutucando a cutícula ainda vai me deixar com todos os dedos fodidos. Ando meio atacada, tenho que levar isso pra Mônica ou fazer mais cardio. Lia, volta, respira, foca, era o que eu dizia naquele momento, inclina na mesa, elimina os sons brancos do ambiente, traduz como quem trabalha com tradução simultânea, faz um mindfulness empresarial. Tá um bom título pra livro caça-níquel, vou dar essa ideia pra Mônica.

Foi o que eu fiz. Mindfulness empresarial.

bom – dinâmico – energia – fraldas – campanha – confiança – ok

Até aquele momento, tudo sob controle. As palavras coletadas eram beges, como peças de um quebra-cabeça sem graça de uma paisagem outonal nos Alpes, iguais aos da sala da Cidinha.

carreira – ok – busca – habilidades – falta – empatia – colegas

Fiz cara de profundidade. Função Li-atriz, ativar! Anni devia detestar aquelas sessões de *feedback* tal como eu. Ainda mais por videochamada. Era um tal de coçar a nuca, se mexer na cadeira, passar a mão no cabelo liso e platinado. Quem dera meu DNA me evitasse gastar meio salário-mínimo e seis horas mensais da minha vida em uma cadeira de salão. O sangue no polegar começou a sair, sacoooo-saaaaco. Precisava de um lenço, guardanapo, saco de pão, qualquer coisa pra estancar aquele fluído que me mantinha viva.

desafio – avaliação – tempo – mudança – ok – bom – oportunidades

Assim como o idioma que nos unia, Anni devia pensar que aquela era mais uma maldita herança americana. A fórmula é pra lá de batida: um ponto positivo pra amansar, um ponto negativo pra foder, um ponto positivo pra manter a amizade. *Shit sandwich*. Ninguém gosta de comer, mas engole a seco, digere à base de bônus e feriados, e vive em estado de intoxicação leve (ou gravíssima) até o próximo banquete do desenvolvimento profissional.

pronta – ok – habilidades – liderança – gestão – talento – Fältskog

Consegui arrancar um pedaço da folha do bloquinho pra ver se meu dedo parava de sangrar. A Anni era de poucas palavras, graças aos bons espíritos escandinavos. Todo esse suplício era feito em pouco menos de dez minutos. Eu fazia a minha parte: nada de puxar o saco ou esticar a conversa. Continha meu ascendente em gêmeos e só balançava a cabeça. Era o esquema pra sobreviver numa empresa de vikings contemporâneos ainda cheia de hierarquias pra determinar quem é que manda em quem.

De repente, Anni ficou quieta e forçou um sorriso.

‘Can you please call Fältskog?’

‘Sure’

Hã? Que parte eu perdi?

Depois de digitar os quatro números da Beth no telefone, pedi pra ela chamar o Koguinho. Fudeeeeu, já era mermão, vou ter que achar uma caixa pra colocar as minhas tralhas, me despedir das pessoas que estarão com cara de dó (ou de prazer), fazer exame demissional numa clínica fudida do centrão, refazer o meu currículo, atualizar o meu perfil capenga do LinkedIn, mandar uma mensagem de despedida padrão pras RHs Unidas deixando as portas abertas pra uma futura vaga, ir atrás de salário-desemprego, encarar o boleto do financiamento do apê, deixar de pagar a Unimed da Cidinha.

Arranquei mais uma pelinha da outra mão.

Koguinho chegou animado e disse um bonnn dia. Nunca tinha visto aquele homem enorme de camisa justa mostrar os dentes. Inclusive a camisa azul de hoje devia ter mais stretch que as outras, marcava bem os ombros de nadador e a barriga de chopp (ou seria vodka?). Ele

se sentou na minha frente, senti um bafo cetônico e falou algo em sueco com Anni através da tela.

‘Liiiá, you’ll be the next Personaldirektör in Stockholm. Grattis.’

Depois de muitos anos trabalhando ali, uma coisa que eu comecei a sacar é que algumas palavras do sueco lembram o inglês. E ela falou a palavra “Stockholm”, que soava como um dia nórdico de verão. Frio e exótico.

‘AHHHHHHHH, NÃO CREIOOOOO, Anni e Koginho!’

O sueco voltou à sua expressão sem expressão. Ainda emocionada, peguei em suas mãos, esquecendo por uns instantes que, pra ele e pra mim, qualquer toque não é nada bem-vindo, a não ser em uma situação de enfarto ou epilepsia, o que não era o caso.

‘Thank you, muito obrigada.’

Ele puxou delicadamente suas mãos, ainda mais depois de ver meu bandeide improvisado.

‘Ok, ok, ok, Liiiá’.

Nesse momento, a Anni já tinha saído da vídeo.

Abram espaço pro Crémant da campeã! Tomar o Espumante Louisa Mallet Crémant de Bourgogne é como tomar em taças flute a música ‘we are the champions’. A opção certa pra se deleitar, pra dizer pra si mesma ‘venci na vida’. No olfato, framboesa e groselha; no paladar, a acidez agradável das frutas frescas; no visual, a delicadeza do rosé claro, como o entardecer das comédias românticas que celebram o amor por nós mesmas.

11

Uma notificação de WhatsApp me acordou nesse domingo. Era o Koginho me mandando o contato de uma empresa de monitoria de teletrabalho, queria que amanhã cedo já marcasse uma demo.

Vásifudê.

Sorte dele que tô de bom humor. Por causa dele. E da Anni.

Vou relevar.

No domingo dá uma baita preguiça de escrever nesse caderno. Parece que eu tô fazendo lição de casa, uma espécie de obrigação do trabalho que não dei conta de terminar. Mas acho que estou adquirindo uma certa constância de escrever, ainda que nos meus termos. Minhas páginas, minhas regras. Hoje, por exemplo, as páginas matinais estão mais pra páginas vadiais, nada de aproveitar a magia da aurora pra me estimular criativamente. Por aqui tem verdejo, tem música indie, tem canelloni do Don Carlo no forno. Uma tentativa de deixar a vida externa mais agradável enquanto a interna pega fogo.

Acho que vou poder deixar de pintar meu cabelo depois que for pra Suécia. Além de ser caro pra dedê, qual seria a graça de ser uma loira falsa em uma terra de loiros verdadeiros? Será que o clima é úmido por lá? Deve ser, sempre tem água nas fotos da cidade. Ou é água ou neve, ferrou, meu cabelo vai ficar o uó, haja produtinho anti-frizz. Vou ver a se a Anni me dá umas dicas da cidade, lugares pra morar, redutos dos expats, viagens pra se fazer em feriados. Do jeito que ela é seca, vai me indicar um site pra gringos na Suécia. Qual será a Ilha Bela, o Rio de Janeiro, a Buenos Aires deles? Sobre salário novo que é bom, Koguinho não falou nada, nem sobre datas, metas, times, targets. E quem será que vai ficar no meu lugar por aqui?

Hoje deu vontade de dar uma volta no bairro e tomar o café da manhã na rua. Sei lá, foi uma tentativa de espairecer as ideias. Apesar da roupa de ginástica, o ritmo da caminhada foi devagar quase parando, como se eu quisesse ver o que não vejo na correria da semana e anotar na memória tudo aquilo.

Deixei o celular em casa, parecia que tava pelada.

A banca de jornal que vende recarga de celular - o vendedor de caixas de morango no semáforo - a criança de patinete na calçada - o carro que passa com música no talo - a babá de branco empurrando o carrinho de bebê atrás do casal que leva o labrador pela coleira - o garçom do boteco que começa a colocar as cadeiras pra fora - a calçada portuguesa com desenhos em preto e branco - a moça que cruza o meu caminho de shorts curto e top de ginástica - o semáforo de pedestre que pedestre nenhum respeita - o cara de fones de ouvido que me encara com um sorrisinho malicioso - os velhos discutindo futebol no balcão da padaria - as pombas comendo

restos de batata-frita de uma embalagem de Mc Donald's – o ponto de ônibus vazio – a casa de açaí e de smoothies cheia – o pão na chapa com requeijão – o guardanapo da padoca que espalha a gordura pela boca – a mãe com três crianças pequenas pedindo dinheiro na saída da farmácia.

Zeca e eu tomávamos uma cerveja geladíssima, enquanto a Cidinha saboreava uma Malzbier. As caras meladas de suor, os cabelos desgrenhados, os braços manchados de tinta branca: éramos o próprio cansaço estampado naqueles corpos jogados nas cadeiras fixas da padoca. Já tínhamos brindado ao apartamento, agora era só curtir o início do descanso naquele lugar que, provavelmente, seria o quintal do nosso novo lar.

O Zeca tava feliz de ter me convencido a pintar todo o apê de branco. 'Fica mais fácil combinar com tudo, Lia. Ainda mais com aquele sofá amarelo que a Cidinha resolveu dar pra gente'. Ele falava de propósito, adorava tirar um sarro dela. Ela fingia irritação, mas caía na gargalhada.

Eu não conseguia entender o fato de ele trabalhar em um lugar tão branco e ainda querer uma casa igual. 'Já não basta o teu avental, o teu consultório, o carro dos dogs? Quer transformar nosso apê em uma clínica vet também?'

'Daqui a pouco vamos ter um monte de brinquedinhos coloridos espalhados pela casa, Lia. Sua mãe vai fazer questão de comprar os mais bregas.'

A sensação é a de que logo ia estar longe de tudo. Todas as cenas da manhã já tinham um gosto de despedida e melancolia, como se parte da minha identidade fosse se dissolver a partir da mudança, mesmo ainda não sabendo se seria essa a decisão final. Será que eu tô pronta pra me jogar nesse abismo de deixar a Cidinha sozinha, largar o apê, sair do escritório da Care Baby Brasil, não ver a Fernanda sendo mãe? O pulo do divórcio teve umas redes de segurança que não me deixaram cair tanto assim: não precisei mudar de cidade, nem de casa, nem de trabalho e nem de círculo (reduzido) de convivência. Se mesmo com tudo confortável e conhecido já foi foda tocar a vida, ou tá sendo foda, o que me esperaria quando tudo for desconfortável e desconhecido?

Estocolmo não ajuda muito. Esse negócio de ter temperatura negativa, neve e escuridão por mais da metade no ano não é nada animador. Ninguém fala, "que sonho morar no meio do

gelo”. Eu amo o frio, mas o frio de Campos do Jordão, aquele que faz 5 graus de manhã e, durante o almoço, 20. Mas os metidos e entendidos nesses assuntos falam que não tem essa de sentir frio e sim não ter a roupa correta pra não sentir frio. Vou me agarrar nessa crença com todas as minhas forças.

Ao mesmo tempo, a ideia de começar do zero uma vida gringa era excitante pra caralho. Seria como considerar que todas as cagadas feitas até agora foram uma espécie de treino pro que virá a seguir. E o melhor, as cagadas não precisariam vir à tona, não haverá nenhuma testemunha e nem vestígio da vida pregressa de loser. Só preciso ter a competência de usar a experiência de 36 anos nesse plano carnal, vivendo em um país que testa nossa paciência todos os dias como o Brasil, pra tentar de novo e fazer certo dessa vez. Ser uma pessoa melhor, mais bem resolvida, mais pra frentex.

Há de dar certo. Pela-mor-de-deos.

Quer um vinho com gosto de domingo? Não se engane com o rótulo sisudo do Três Playas, safra 2019; ele é a expressão etílica pras nossas ânsias de leveza, tranquilidade e descanso. As uvas verdejo originam um exemplar de cor amarelo claro com toques esverdeados, uma espécie de luz pra nossas dúvidas mais profundas. No paladar, é refrescante como as memórias de um passado feliz e sua acidez é equilibrada como as perspectivas do futuro. Combina com música indie como poucos.

12

Foi numa reunião com a minha equipe sobre o Dia das Mães na Care Baby. Esse é o meu 15º ano executando ou inventando ideias pros outros executarem com o objetivo de agradar as mãezinhas da empresa. Pra mim, é um saco organizar uma festa em que sou totalmente excluída. Todo o resto eu tolero, copa do mundo, dia do sorvete, festa junina, natal, dia do saci. Mas não sei, na festa do Dia das Mães da Care Baby, me sinto caminhando através de uma névoa espessa de pena e incompreensão formada por mulheres que julgam o fato de eu estar cruzando o ponto

de inflexão da minha fertilidade e (ainda) não fazer parte do seleto grupo das que conhecem o que é o padecer no paraíso.

O tema desse ano é “Mãe Real”, mas não esse papo chato de blogueyra ryca cheia de babás reclamando de bebês que choram; a ideia é enfeitar a Care Baby com coroas, tronos, cetros, muito dourado, “valorizando as Mães-Rainhas, dando o espaço de protagonismo e poder que elas merecem”. A Maju mandou bem no briefing, é vendável e instamagrável, mas o *slide* tava malfeito, quem faz ppt com fonte Comic Sans hoje em dia? Além disso, meu sapato plataforma tinha assassinado meu calcanhar, notei pelo reflexo do vidro na sala de reunião que precisava marcar consulta com a Dra. Camila porque o botox já tava vencido, o sushi do quilão do shopping me embrulhou o estômago e eu era pura angústia por não saber como contar sobre minha promoção pra Cidinha. Uma conjunção de fatores desfavoráveis pra uma segunda à tarde, quando a semana só tá começando.

Apareceu uma notificação do Whatsapp no celular. Era o finado Zeca. Na mensagem, desejava ‘feliz aniversário de descasamento, minha eterna ex-mulher’. Fazia dois anos que a gente se divorciou e eu não tinha lembrado. Também né, não é pra lembrar mais nada, porra. Mas o Zeca é cheio dessas de celebrar todos os grandes e pequenos momentos, inclusive esse inusitado marco das nossas vidas. Bem-feito pra mim, a Lua Pacheco tinha falado mesmo que satanáries não ornava com macho sol-em-câncer.

‘Lia?’

‘Hummm.’

‘A gente quer saber se você tá ok pro evento nesse modelo.’

‘Tá maravilhoso, vamos avançar pro próximo slide.’

‘O próximo é o slide de obrigado.’

‘Ah, ok.’

Resolvi olhar de verdade pra apresentação. Era um slide mostrando imagens de quadros famosos com figuras maternas, normalmente Nossas Senhoras renascentistas, todos com um sticker de coroa na cabeça das mães. Havia também um “obrigada” escrito em Comic Sans na metade inferior. Como são bregas os fechamentos de apresentações com a palavra “obrigada”, ainda mais escritas em Comic Sans. Aliás, as festas de Dia das Mães eram bregas também, um tal de expurgar culpas pelas ausências ou de competir pelo melhor presente entre os irmãos ou

de convidar pra churrascarias como forma de substituir afetos. Não sou marqueteira, mas trabalho perto do povo responsável em estimular impulsos consumistas na relação pais, mães e filhos, o que me fez perder, há um bocado de tempo, qualquer inocência sobre o mundo capitalista.

Enquanto a Maju recapitulava os detalhes do evento, minha atenção escapou outra vez e viajou em direção a uma das imagens do slide. Era a pintura de uma mulher de cabelos presos em um coque alto, costurando uma peça de tecido em suas mãos. De pé, ao lado da mulher, estava uma garota olhando diretamente nos olhos da pessoa que observava as duas. No caso, eu. Olhos penetrantes, inquisidores, como se questionassem e reprovassem quem estivesse olhando sua mãe. Uma relação que, pelo olhar da garota, denotava amor e talvez uma espécie de possessão.

Essa mulher parece com a Cidinha, na época que ela remendava meu uniforme da escola. Por que ela parou de costurar? Será que ela só costurava porque era obrigada a dar conta dos furos nas minhas calças? O que mais ela se viu obrigada a fazer por minha causa? E por que eu não quis ser como a Cidinha? Peraí, ainda insisto em tingir meu cabelo de loiro, adoro um sudoku e me casei com um trouxa, assim como ela. Ah, eu sei consertar meias com furos, mas ô coisinha chata, remendar uma meia deve ser o equivalente a assinar folhas-ponto no universo corporativo. Na época das vacas magras, costumava remendar as meias do Zeca. Será que ele sente falta da meia remendada por mim? E a Cidinha ainda costuraria a minha calça furada? E quando for embora, quem me protegerá com o olhar tal como a garota do quadro? Quem faz hoje em dia isso por mim?

‘Lia... o budget tá fora do esperado?’

‘Hã... hmmm... não, tá tudo bem.’

‘Mas você tá chorando!’

‘A festa de Dia das Mães sempre me emociona.’

‘Até as da Care Baby?’

‘Sobretudo essas.’

Desci pra dar uma volta no quarteirão. No anonimato da rua, é mais fácil ser a gente mesma. Além do barulho do motor dos ônibus, das buzinas dos motoboys, das vozes dos pedestres, ouço meu salto batendo no chão liso daquela calçada rica, o calcanhar já não

incomoda depois do bandeide, me vejo em movimento, sinto um vento gelado que encana entre os prédios, as faces desconhecidas, sisudas e esquisitas, elas me lembram de que há outras vidas, mas os dramas se repetem, e eles passam, quem não se sente sozinho numa megacidade cheia de semáforos e placas, os excessos são reflexos da falta, falta de profundidade, de escuta, de direção, de silêncio, um lugar pra se pousar no meio da tarde de uma segunda-feira, aquela sensação de poder fazer o que se quiser com o tempo, sabendo da sua fluidez, sim, ele também passa e vai embora, as vitrines das boutiques refletem o ir e vir do tempo nas coleções, roupas que a gente compra e usa em mais um comitê importante nas salas com ar-condicionado e luz branca, mais um comitê esquecido como todos os anteriores e todos os próximos até o fim das agendas, mas o que eu não quero esquecer? que parte da minha história eu quero lembrar? pra onde quero me mover? o que passa por mim e eu não vejo?

Pronto, estou de volta ao saguão com catracas e seguranças armados.

No elevador, escrevi em resposta ao Zeca, convidando-o pra um drink de comemoração. Baita cagada Lia, apenas pára, ele já não é mais o seu cara, deve ser o cara de outra, uma mulher mais nova que você, alguém que goste de vira-latas, tenha tatuagens sem significados pelo corpo, conserve braços, pernas e barriga tonificados por horas e horas de saudação ao sol, seja voluntária no cultivo de uma horta orgânica numa escola da periferia e que sonhe criar três filhos em um rancho no interior de Goiás.

Acorda e se toca, seu tempo acabou, Lia.

Mas ok, uma vez feita a besteira, vai ser bom contar pra ele sobre Estocolmo. Na volta pra minha mesa, perto do meu laptop, tinha um sonho de valsa e um post-it colado nele. O bombom eu comi na hora, o post-it vai ficar aqui, colorindo a página matinal de hoje:

“Lia, isso vai passar. Fica bem. Laura”

13

Faz dez anos que tenho sessões com a Mônica e posso dizer que nutro uma relação de ódio e amor por essas horas de falação e piração. Pra mim, fazer terapia é como fazer abdominais na academia: no início da sessão, você não quer fazer; aí você começa porque se vê obrigada e

acha que tá abafando. No meio pro fim, você tá chorando, acreditando ser uma loser. Ao terminar, você se sente leve e, ao mesmo tempo, forte, mas espera nunca mais passar por tamanho sofrimento.

É doido pensar que a Mônica sabe todos meus podres, inclusive ganha dinheiro com isso, e eu não sei nada dela. Deve ser, das relações consentidas, uma das mais assimétricas. Sei que ela é formada em Psicologia, mas antes já foi contadora. Tem uma filha e é divorciada. Gosta de bordar ponto-cruz e de velas perfumadas. Seu braço esquerdo é tatuado com gérberas e ela muda o cabelo a cada trimestre.

E é só.

Hoje é dia de sessão e já tô noiada de ter tanto assunto pra atualizar a Mônica. Tem meses que é um marasmo só e eu fico inventando variações dos mesmos temas pra encher os espaços das sessões: que raiva do Zeca ser um ex-marido tão legal – por que ser legal se é um ex-marido; a solidão de ser gestora numa empresa que todo mundo te odeia e por que odiar é a tônica do mundo corporativo; ter uma mãe que te faz passar nervoso sendo motorista de Uber em São Paulo e ser filha de uma mãe que se vira sem você. A Mônica mereceria um pagamento extra por adicional de monotonia.

Mas nessa semana teve muita coisa, não tô lidando nem pra recapitular tudo e olha que eu nem contei pra ela que tô fazendo essas páginas inúteis. Aposto que ela vai ficar orgulhosa de mim.

Ontem encontrei o Zeca pra um drink no Magnolia. Dessa vez, ele não tava com a camiseta esgarçada de sempre, mas uma camisa jeans com os punhos dobrados na metade do antebraço. O cabelo tava mais comprido, mas penteado, algo no estilo messy-arrumadinho. Ele me abraçou e com ele veio o cheiro de CK Be com amaciante. Perguntou se eu queria o de sempre. Respondi que sim, tudo o que precisava pro início dessa semana era um vinho branco seco e gelado. Ele pediu um gin tônica. Ele nunca havia pedido drink antes.

Zeca contou que estava ampliando a clínica, mas tava tendo um problemaço com a reforma. ‘Os caras não aparecem, Lia. Morte na família, chuva, dor de barriga, problema no carro. Tudo é desculpa. Que merda ter pago tudo com antecedência.’

Porra, o Zeca não aprende mesmo. ‘Fui promovida’.

‘Nossa Lia, virou CEO agora? Que chiiiiiiiique, parabéns!’

Quando contei que fui convidada pra trabalhar na Suécia, ele deu um gole maior na bebida.

‘Caramba Lia, e a Cidinha?’

Como eu amo essas perguntas que me fazem sentir ainda mais culpada! Vai matar outra aula de spinning? Mais uma taça de vinho, tem certeza? Poxa, vai deixar sua mãe sem netos? Quando foi a última vez que você falou com sua melhor amiga? Por que um banho de 30 minutos? Você desperdiça uma hora do seu dia no Instagram? Cadê a salada?

Já não basta a magnitude da dúvida e do desafio de mudar de país-atividade-idioma, o cara joga merthiolate na ferida aberta.

‘Sei lá, Zeca, uma coisa por vez. Nem sei se vai rolar.’

‘Pelo menos você vai poder estar perto do seu urso em Madri’.

Saí do avião e as placas indicando puertas, equipajes e salida me lembravam que eu tava em um país diferente. A cabeça ainda tava zonga pelo balanço do avião, pela pasta ou pollo engolidos durante o voo e com a noite mal dormida, mas tudo me deslumbrava: as propagandas do Duty Free até a descarga do banheiro. A minha experiência com viagem pra gringa era Ciudad del Este numa excursão de sacoleiras organizada pela Matilde, logo depois do Plano Real. Cidinha quis ver se valia a pena vender tranqueiras paraguaias junto com os yakults, tipo adesivos brilhantes e esmaltes azuis, e me levou a tiracolo. Mais de quinze horas de viagem de ônibus com um grupo de mulheres de +50 pra chegar até o Paraguai e só comprar meias falsificadas da Nike e kits maquiagem que depois deram alergia. Não tinha sido uma boa experiência. Depois disso, não rolou mais nada. Zeca acreditava que era preciso conhecer bem o Brasil antes de partir pra países estranhos. Eu desconfiava dessa teoria zequiana, pra mim era um puta apego às situações confortáveis, mas como o dinheiro era curto mesmo, me contentava com Vitória, Porto Seguro e São Tomé das Letras.

Mas ali começava uma nova fase. Viagem internacional, quatro dias pra participar do encontro internacional da Care Baby em Madri, transporte-hospedagem-refeições-e-tudo-mais na PJ. Nunca ganhar um concurso cultural com um poema cheio de riminhas tontas tinha sido tão espetacular. Quando vi o passaporte marcado com carimbo e um rabisco do oficial da imigração, meu coração quase explodiu de emoção e de alívio. Ufa, que bom que o guarda não

me achou com cara de puta, deve ter sido o casaquinho marrom e os brincos de pérolas fake, dica boa da Fernanda.

Antoninho Banderas e Penelopita Cruz, meu hotel é o Puerta del Sol, vão lá tomar uns drinks comigo!

Peguei o metrô e, com a experiência que tinha com a linha Tucuruvi-Jabaquara, consegui chegar até Plaza Sol. Assim que subi na escada rolante e me elevei ao nível do solo, vi aquela arquitetura europeia, aquela plaza europeia, aquelas mulheres com cabelos despenteados à europeia, aquele ar europeu, um misto de notas de perfume, tabaco e fritura e ali me senti encher de vida, de novidade, de beleza, de frescor, de realização, de puta-que-pariu, se eu cheguei até aqui eu posso fazer o que eu quiser.

Que lindo, uma estátua de urso do lado do hotel. Lembro de pensar, nossa, o Zeca ia amar ver isso, vou tirar uma foto e mandar pra ele. Naquela noite, fui até um computador do lado da recepção, entrei no meu e-mail e enviei a foto com uma mensagem: ‘Zequita, encontré esa muchachita bonita. Si no la pides en matrimonio, yo la pediré y vamos a vivir enamorados em Madrid.’

Perguntei pro Zeca como é que ele ainda lembrava da história do urso.

‘É que apesar da gente ter casado logo em seguida, sempre achei que você queria ter ficado por lá, com o urso. Agora você tá livre pra isso, né?’. Zeca levantou a taça, olhou nos meus olhos e tomou o resto do gin de uma vez. ‘E, vem cá, Lia, que porra é essa de me deletar e depois me adicionar no Insta? Voltou à adolescência?’

‘Foi um fraudador, Zeca. Um dos golpes desses dias.’

Com o Chardonnay Macabeo Miraríos 2021 é possível mirar rios, planícies, vales e espanhóis e querer ir atrás de cada um deles, disfrutando da liberdade. Nele, a experiência é aromática, fresca e harmoniosa, como cheiro de margarida na varanda de um restaurante em dia de sol. Sua cor é amarelo-palha como a lembrança de Madrid na primavera. Para ser tomado em casamentos, descasamentos e o que fica depois deles.

14

Ontem dei um pulo em São Bernardo, sem avisar. Talvez o que a Mônica conversou comigo ficou ecoando na minha cabeça. Quando cheguei, notei uns matos na calçada, uma pichação nova no muro, uns rabiscos esquisitos em preto. Buzinei, depois quando saí, bati palma. Ô teimosia de não querer colocar campainha em uma casa de fundos. Liguei. ‘Tô chegando, resolvi fazer umas corridas até mais tarde hoje’. ‘Porra, Cidinha, depois das oito???’ ‘Olha a boca, Jesus, não te ensinei essas coisas. Já to em São Bernardo. A Marta tá aí, vou mandar um zap pra ela abrir o portão’. Falei pra ela largar o celular, eu esperaria.

A relação entre a Cidinha e o Uber ainda é um mistério. Já fiz as contas com ela e ela ganha menos do que na época do Yakult, ainda mais que ela aluga o carro. Já me prontifiquei umas dez vezes pra ajudá-la a comprar um Palio, não seria nenhum esforço megalomaníaco, era só deixar de comprar as quatro garrafas mensais da assinatura de vinhos premium e boa, trocaria um boleto por outro. Mas ela não quer saber, é bicho ruim, se eu forçasse a barra, poderia ser pior. ‘Lia, não quero depender do seu dinheiro, Jesus.’

Esperei por ela uns dez minutos. Não era nada seguro ficar ali dando sopa dentro do carro. O sorvete de passas ao rum que comprei (só) pra ela tava derretendo. Comecei a escutar um podcast de umas mulheres falando em inglês sobre a vida na Suécia. Elas parecem animadas de estarem lá, espero ficar também.

Cidinha buzinou o carro, pediu pra eu liberar o portão. ‘Passei na Divinu’s e comprei pão e mortadela pra gente!’. Depois que ela entrou, fez sinal pra eu estacionar atrás dela. Ao parar o carro, vi que o para-choque do Sandero tava amassado. ‘Isso foi semana passada, uma mulher acelerou demais quando o sinal ficou verde. Ela saiu chorando do carro, Jesus, tava bêbada. Acabei levando ela pra casa, tadinha.’

Entrando na casa, veio um misto de cheiros da meninice, naftalina, água sanitária, eucalipto, tudo como sempre, mas dessa vez com um toque de perfume Thaty, esse devia ser da Marta. Ela apareceu depois de uns instantes e parecia que tinha acabado de acordar; o cabelo grisalho descabelado e o pijama não a favoreciam, coitada.

‘Como é bom te ver, tua mãezinha tava com saudades. E obrigada pelo quartinho, Lia.’

‘Tranquila, esse quarto agora é das tralhas da Cidinha.’

‘Ué, tô dormindo olhando pros seus pôsteres de banda. Só tem gatinho.’

‘Acho que a Cidinha sempre teve uma queda pelo Bon Jovi, Marta.’

A Marta pediu licença e entrou no banho. Enquanto comia o pão na chapa com mortadela frita que só a Cidinha sabia fazer, falei da novidade. Ela perguntou se eu aceitei a proposta e eu respondi que tava pensando.

‘E o Zeca nessa história?’

‘Mãe, supera, o Zeca já era, tá morto, soube que ele tá com uma lambisgóia, tá até usando camisa.’

‘Como você sabe, Lia?’

Contei que tinha encontrado com ele no Magnólia e até brindamos nosso 2º ano separados.

‘Jesus. Então ele não tá tão morto assim.’

‘Porra Cidinha, mas você não vai me dar parabéns?’

‘Parabéns.’

‘Animadaça. Você vai me visitar?’

Ela olhou pro pano de prato que tava no ombro dela e começou a enrolar a ponta entre os dedos. Disse que uma passagem pra Europa era muito cara, fora que ela tinha que trabalhar, cuidar da casa, ajudar a amiga. Depois de um minuto quieta, ela desabafou algo nessa linha: ‘Lizinha, sabe que, com essa história do problema da Marta, ando pensando muito na vida. Pelo jeito ela terá que fazer cirurgia, talvez um tratamento depois. Imagina se ela não me tivesse por perto? Olha que tristeza é ser sozinha no mundo, Lia. Tá percebendo o que cê tá colhendo pra você? Sem marido, sem filho, sem cachorro, sem peixe. Jesus, meu nosso senhor. Daqui a pouco você vai ser o próprio peixe de aquário, aqueles que são vendidos sozinhos em caixinhas no aviário e ninguém dá muita bola pra eles’.

Depois de ser comparada a peixes beta, não soube o que dizer. Fiquei frustrada. E com raiva por ser tão diferente da Cidinha. Agradei o sanduíche e saí da cozinha, disse que não queria sorvete. No quintal, ela se despediu.

‘E parabéns mais uma vez, Lizinha, mesmo que eu tenha medo de entender o que esse tal de Estocolmo de fato signifique pra você.’

No carro, mesmo ranhenta, liguei pra Fernanda. ‘Hey, topa assistir Serendipity com sorvete de caramelo salgado?’

Já tenho programa pra hoje à noite.

15

Escrever dia sim, dia não, é uma boa. Eu entendo o papo de que fazer algo todo dia nos leva à excelência, mas quem disse que quero ser excelente em páginas matinais? Às vezes ou quase sempre, dá preguiça em relatar o que eu faço, o que eu penso, o que eu sinto. Sei lá, é como se, ao dedicar tempo pra uma atividade totalmente dispensável como escrever páginas que ninguém irá ler, eu deixasse de fazer coisas importantes, tipo estudar sueco ou a nova reforma trabalhista da vez, ou então começasse a ir de encontro à rota trilhada por mim mesma até agora. Pra que problematizar ainda mais o problema, pra que se incomodar ainda mais com o que incomoda, pra que pensar ainda mais quando já se pensa muito? Fazer terapia tava de bom tamanho pra mim. No piloto automático dos dias, a gente mal sente e já é Natal. À base de Instagrams, analgésicos, agendas lotadas, Black Fridays, encontros via Tinder e memes em grupos de WhatsApp, a vida segue em sua versão mais anestesiada e eu me sinto bem com isso. Ou sentia.

Parar e reparar pode ser um tanto quanto arriscado.

Ao mesmo tempo, escrever sobre essa fase de mudanças pode ser importante. Quantas vezes a gente quer lembrar o que aconteceu no desenrolar de uma mudança significativa e não consegue. A tendência é achar que tudo foi maravilhoso ou uma merda, o que não é verdade. Que nem o divórcio com o Zeca. Foi o término mais tranquilo da vida... ou talvez não.

A Fernanda veio ontem aqui no apartamento e, coitada, ficou pouco. Nem deu pra ver o filme, nem pra comer sorvete, muito menos me acompanhar no Pinot. Na hora que ela esteve

no apê comigo, ela atendeu o celular três vezes, vomitou duas vezes, chorou outras duas. O primeiro choro foi quando dei pra ela o babador de anjinhos, ela adorou, disse que o Ernesto ou a Enriqueta vão amar. PQP, o que acontece com esse povo que curte dar nome de véio pra criança? O pior é ela me perguntar se eu gostei dos nomes. ‘Nossa, são bem originais, né?’ Ela deu uma gargalhada. ‘São nomes que começam com ‘e’, um pedido do Edu. Coisa de família, sabe? O pai dele é Enrico, o avô Elias, o bisavô Enzo.’ Porra, por que não homenagear o bisnono? ‘O meu único pedido foi não ser um nome comum na escola. Era um saco ser Fernanda na década de 90.’ Ah tá, entendi o porquê de não ser Enzo. O Enriqueta ainda ficou com um ponto de interrogação.

O outro choro foi quando contei a notícia da promoção. É uma molona mesmo. ‘Poxa Lia, tava esperando que você fosse organizar meu chá revelação, meu chá de bebê, a sessão de fotos seminua, a festinha na maternidade.’ Olhei pra ela com desconfiança, a lavagem cerebral não devia ter sido tão potente. ‘Só vou fazer um chá de bebê, minha mãe disse que isso ela não abre mão.’ Pedi pra ela que, pelo menos, não desenhasse um mapa-múndi na barriga dela e nem aderisse às brincadeiras safadas de adivinhar presentes. ‘Lia, isso é chá de panela. Mães são entidades sagradas, vê só como a Bíblia define a gente’.

Foi impossível não lembrar de quando ela foi fazer uma pós em Nova Iorque. Eu não chorei quando ela me contou, num barzinho da moda perto do banco que ela trabalhava, mas chorei muito com o Zeca, em casa. Você pode até entrar em uma pira otimista dizendo, “uau, agora tenho lugar pra ficar quando for pra NY” ou então “vamos fazer conversas via Skype toda semana”. A gente tende a achar que somente as relações amorosas sofrem com as distâncias, mas as de amizade também. Sempre dão uma esfriada, da mais leve até a mais intensa, ou acabam de vez. Isso porque a pessoa que fica, toca em frente. A pessoa que vai é distraída pela avalanche do que precisa processar pra criar uma vida quase normal no lugar que escolhe como nova casa. Nesse intervalo de tempo e espaço, as amizades precisam se adaptar e contornar o fato de que as pessoas da relação irão mudar. A questão é confiar que quem volta (se voltar) não se torne uma pessoa estranha e quem fica ainda seja tão encantadora quanto a pessoa que você deixou.

A gente confiou e, daquela vez, deu certo.

No final das contas, a Fernanda ficou nove meses fora. Nem foi muito. Apesar do pouco tempo, eu fui visitá-la em um mês de julho. O Zeca deu a maior força, me ajudou a completar a grana pra passagem. Foram dias infernais de calor, eu dormia em um sofá duro na micro sala

da Fernanda e, na época, não tinha grana pra fazer quase nada na cidade. Mas eu nunca me diverti tanto. E ela também. Éramos versões mais adultas de nós mesmas, celebrando uma amizade que era pura saudade e vontade de abraçar o mundo. Logo cedo, fazíamos sanduíches insossos de pão de forma e partíamos, com mochilas e guia de viagem, pra aquelas ruas numeradas, cruzando-as de fora a fora. Tudo tinha graça, desde provar roupas na Macy's até tirar foto de esquilos no Central Park.

‘Lia, tomara que seu visto demore pra sair. Seria tudo de bom conhecer o baby antes de você vazar.’ ‘Mas eu ainda nem falei que vou, sua louca.’ ‘Ah, você vai sim senhora, nem que eu mega-grávida tenha que te levar, arrastada pelo Oceano Atlântico até o Mar Báltico. Quem sabe lá não seria o lugar pra você achar um viking pra chamar de seu?’.

Disse pra Fernanda que ela ficasse tranquila. Se eu fosse antes, eu voltaria com o viking pra conhecer o Enriquesto ou a Ernesqueta. Ela me deu um soquinho no ombro antes de sair correndo pro banheiro pra passar mal pela 2ª vez.

Antes de dormir, assistindo a Serendipity com o resto do Pinotzinho, pensei que nada é por acaso. Se Anni e Koguinho achavam que eu merecia a vaga, se Zeca não fazia mais parte da minha vida, se a Cidinha ainda tinha saúde pra trabalhar com o que quisesse, se Fernanda estava começando uma nova etapa pessoal, então aquele era um chamado pra uma mudança mais parruda da minha vida. Tava mais que na hora.

Estocolmo, aí vou eu!

Ao beber o SM Valle de Leyda Pinot Noir 2021, a primeira sensação é a de calor, como ser abraçada por uma velha amiga. O vento frio que vem do Oceano Pacífico influencia as vinhas, proporcionando uma longa maturação das uvas e originando vinhos de perfil intenso e fresco. Até a mineralidade no aroma e no sabor lembram as amizades que valem ouro. Tem potencial de guarda de oito anos ou até o tempo que o lado esquerdo do peito permitir.

II. PISCINA

Ah, Dia das Mães na firma. Sempre uma tensão do cacete, sobretudo porque é na minha área que cai toda a responsa de fazer uma homenagem à altura das mãezinhas da Care Baby. Balões dourados – check. Decoração que imita Buckingham numa versão Tupiniquim usando crepom e papel laminado – check. Um trono alugado de um buffet de festas de debutante pra mães-rainha tirarem fotos e postarem em seus Instagrams – check. Café-da-manhã com os quitutes mais gordurosos e açucarados do jeito que a galerada curte – check. Dez minutos reservados na agenda do Koginho pra ele fazer um mini-discurso sem-sal sobre a importância das mães nas nossas vidas – check. Vídeo com fotos de mães e filhos nas TVs – check. Brindes escolhidos à base de um orçamento cada vez menor – check. Simpatia pra cumprimentar todas as mães com um sorriso no rosto – sempre em falta.

A princípio, tudo dentro dos trilhos. É claro que sempre tem um infeliz que reclama de alguma coisa: o fornecedor de pão de queijo do pessoal do Jurídico é melhor (deve ser), a qualidade da pantufa que a gente deu de presente é mequetrefe (e é mesmo), faltou a foto das mães de pet (quero distância dessa polêmica), as decorações geram resíduos poluidores (ainda bem que os sete copos de plástico que você usa ao longo do dia não poluem os rios). Ouvir reclamações de funcionários é a base do job description da minha profissão; acredito que isso venha da ilusória impressão de que o RH trabalha pra servir às necessidades e confortos dos humanos, recursos básicos de uma empresa. Mas, assim como todas as áreas da empresa, a gente da área de Gente atende aos interesses do business mesmo. Se, nesse objetivo, há um alinhamento dos astros e somos bacanas com as pessoas, aí é só sucesso. Viramos até a melhor empresa pra se trabalhar.

Enquanto comia um quibinho frio do café-da-manhã e observava as mães se divertindo a valer tirando fotos naquele trono de veludo vermelho desgastado, Silvinha chegou do meu lado, como quem não quer nada. ‘Já comi uns cinco desse quibe, tá uma delícia. Teu time tá de parabéns, minha querida.’ Dei um meio-sorriso porque é o máximo de esforço que esse cara merece. ‘Lia querida, pedi pra Maju rever a lista de candidatos pra reposição daquela vaga. Pedi também pra ela ver um terceiro pro lugar da Rebeca. Esse lance de licença fode com a gente, né?’ ‘É, aham.’ Peguei mais um guardanapo pra eliminar qualquer vestígio de gordura e saí.

Ao chegar na minha mesa, a Maju me chamou de canto. ‘Lia, o Silva me pediu pra rever a lista de candidatos marcando com um x quem seriam as candidatas que poderiam engravidar

nos próximos anos. Pra ele, nada de recém-casadas ou mulheres entre os 25 e 35 anos de idade. Que que eu faço?’ Ao me virar pro lado, Laura olhava pra mim com expectativa.

Porra, a placa “estamos trabalhando há x dias sem tretas” não sai do número 0, impressionante. Nem no Dia das Mães as pessoas conseguem ser mais amorosas, mais compassivas, mais filhos e filhas perfeitos. Meu caralho.

Pedi um minuto e resolvi dar uma volta no quarteirão. De novo.

Dessa vez não tinha o barulho do meu salto na calçada, nada me lembrava que eu estava trabalhando. Talvez o crachá da empresa no bolso, que agora eu apertava entre os meus dedos. De verdade, não sei como o Dinho mantém um cara desse no time. O Silva é um babaca, sempre com ar superior e um comentário depreciativo pronto pra ser atirado a quem tá no caminho dele. Oferece um trabalho bem arroz-com-feijão e recebe prestígio de quem entrega caviar em tigela de prata. Hoje ele foi longe demais, ahhh se foi, tá ficando brega essa reclamação das licenças-maternidade. Isso pode dar processo, tá facinho alguém denunciar a Care Baby por discriminação no recrutamento. Aí já era prêmio best empresa pro funcionário, programinha no YouTube, propaganda na revista. Parece destino que esse assunto volte com recorrência à minha vida corporativa, como se os quatro cavaleiros do apocalipse viessem marretar a minha cabeça de culpa pelo meu oportunismo na saída da Clara. ‘Lia, aqui se faz, aqui se paga. Quem tem as mãos sujas com as merdas do mundo corporativo, tem que se acostumar o cheiro.’ Mas eu não quero mais estar no meio dessa podridão, desse contrassenso, dessa hipocrisia. Cansei. Como celebrar as mães com festa se a gente, como sociedade, por trás das cortinas, não desejamos elas por perto? Como enfrentar esse Golias se nós, as Davis, não temos força, união, nem pedras pra serem jogadas? O que a nossa geração tem feito de diferente pra deixar pras próximas gerações de trabalhadoras? Até quando teremos menos enquanto quisermos escolher nossos caminhos? O que a Clara faria no meu lugar?

Ao chegar na catraca, meu crachá estava rachado. Bom sinal, pensei ele já tava desatualizado mesmo.

Fui em direção à mesa do Silvinha. Me debrucei em sua mesa pra falar na altura dos seus olhos, com um tom de voz baixo. ‘Nós do RH não vamos fazer porra nenhuma na lista de candidatos e, se a gente souber de algum critério discriminador nessa seleção, você vai sofrer medidas administrativas severas. E não vai ser daqui, dos seus chapas de poker não, da galerinha do charuto. Vai ser da matriz, coisa séria. Estamos entendidos, meu querido?’ O

homem franziu a testa, começou a se movimentar na cadeira, olhou pro crachá. ‘Claro que sim, Lia. Acho que houve algum mal-enten...’ Eu já tinha dado as costas e ido contar o desfecho da história pras meninas da equipe.

Pra comemorar o sucesso daquele dia, convidei as três pra um brinde no boteco da esquina. A Laura foi de longe a que ficou mais animada com nosso happy-hour improvisado e me perguntou, bem baixinho, se ela podia me ajudar na resenha do vinho de hoje. ‘Claro que sim, Laura, hoje tô boazinha.’

Degustar o Misty Coast Terroir Sauvignon Blanc 2021 é um prazer singular, mas compartilhá-lo com mulheres que nos ajudam a crescer, é uma experiência plural. O amadurecimento desse vinho acontece em tanques de aço inox sobre as borras, nos lembrando que até elas têm sua serventia. É um vinho jovem, vibrante, refrescante, como as amizades pautadas em admiração e confiança. Harmoniza bem tanto com veteranas quanto com novatas na arte de saborear uma boa taça de vinho depois de um longo dia de trabalho.

2

O sábado e o domingo foram cheios de chuva e vazios de ânimo. Dias pra se fazer nada além de ficar no sofá, curtir o friozinho que começa a dar as caras, comer uma pipoca com manteiga derretida, beber um chardonnay, consumir filmes açucarados. Mas a minha obrigação de filha e amiga de uma futura mãe me levaram ao shopping no sábado e a visitas no domingo.

Pague dois e leve o dobro de encheção.

Amo a minha mãe, amo a minha amiga, mas nesses últimos tempos, tem sido mais difícil amá-las. Tá foda. Cidinha ainda tá estranha com todo esse lance de doença da Susana, com minha ida pra Estocolmo, com o excesso de corridas. Fernanda só vomita e fala da angústia de dar a notícia da gravidez no trabalho.

Chaaaaatoooooo.

Mas ok, sou chata com elas em muitos momentos, ainda mais com a Cidinha, por motivos óbvios. Aliás, devo ser insuportável, elas já se dirigiram a mim dessa maneira algumas vezes. Pelo jeito, vai ser uma boa caprichar no presente e, quem sabe, ser mais presente.

PQP, parabéns pelo timing perfeito, Lia, perceber que tem que ser presente quando você estará a mais de 11 mil quilômetros das duas, sem uma merda de vôo direto que una São Paulo a Estocolmo, com zero saco pra videochamadas.

Um problema de cada vez, Lia. Bora comprar esse presente.

Tô pra achar um lugar que tire mais a minha energia vital do que um shopping. Deve ser porque a Care Baby fica do lado de um. Faz tempo que ir ao shopping deixou de ser passeio pra ser paisagem relacionada ao trabalho. Nada me deprime tanto, um amontoado de vagas de estacionamentos, escadas rolantes, pisos escorregadios, luzes brancas, vasos com plantas tristes, cheiro de fast-foods, música em looping.

Apesar dos inúmeros cartazes dizendo “sua mãe vai adorar!”, “faça a sua mãe feliz” e o escambau, minha mente estava vazia de ideias de presentes pras duas. Fernanda, desde que falou da gravidez, deixou de ser minha amiga cachaceira, workaholic e rata de academia pra se tornar uma mãezinha. Ou pelo menos é assim que tenho me forçado a pensar nela. Se você não pode comprar vinho, um caderno de couro ou uma legging Track&Field, sobra o quê? Será que ficará alguma coisa da Fernanda em sua futura versão mãe a ponto de reconhecê-la como minha amiga?

E a Cidinha, com o passar dos anos, quem se tornou? Por que tenho a impressão de vê-la como uma estranha? Do que ela gosta, que mulher ela é quando não é a minha mãe?

Depois de me irritar com o excesso de solicitude das vendedoras de três lojas diferentes com as suas variações da frase “a senhora vai estar querendo ver alguma coisa em especial hoje?”, resolvi dar uma passada no Wine is Mine. Ironicamente, tirando meu apê, acho que é meu lugar favorito de São Paulo. Ali, a vendedora sempre está no computador, como que fazendo pedidos pra vinícolas sul-africanas ou contando o fracasso do seu último date pro grupo de amigas no Whatsapp. Então, eu posso flunar à vontade por aquele oásis de paz e relaxamento, meu templo dos sentidos com temperatura e umidade regulada, uma coleção de prateleiras de madeira preta emoldurando garrafas claras e escuras de regiões, uvas, países diferentes, cada uma com seu formato, seu desenho, uma caligrafia, um selo, um idioma, um texto, uma história, uma promessa, promessa de cor, de sabor, de cheiro, um convite ao parar, uma ode a uma nova

cultura e aos segredos da terra, um mergulho nos mistérios da fermentação, na mágica dos barris, no poder da tradição, na ousadia da tecnologia, na surpresa da taça.

O escolhido da vez foi um Cabernet Sauvignon de Stellenboch, com as letras CF no rótulo, uma homenagem às mulheres-mães da minha vida. Na hora de pagar, vi um folheto sobre uma viagem às vinícolas do Douro, coisa fina. O papel com uma foto bonita de um vale repleto de videiras veio ilustrar a página matinal de hoje.

Ao fim do “passeio” de sábado, acabei comprando o mesmo presente pras duas, algo que eu amaria ganhar, por sinal. Uma cadeira massageadora pronta pra aliviar as dores de quem dirige demais e preparada pra aliviar as dores de quem carregará um bebezucos no corpo nos próximos meses.

As duas amaram, me receberam em seus sofás com um abraço e sobremesa.

O vinho Cabernet Sauvignon da vinícola sul-africana CF, safra 2020, é aquela garrafa perfeita pra celebrar o Dia das Mães. Depois de passar 8 meses em tanques de aço inox, ele fica mais nove meses em uma gestação no escuro de um barril de carvalho francês, sendo ele a própria luz quando preenche as taças dos discípulos de Baco. No nariz, notas de tostado. No visual, é rubi, precioso como a joia-mor das nossas vidas. No paladar, acidez equilibrada e final longo, como desejamos que seja o tempo com nossas mães. Tim-tim às Mamizins.

3

O encontro das RHs Unidas sempre foi um dos pequenos prazeres-desprazeres do meu cotidiano. É um prazer por ser um pretexto pra me tirar do escritório durante uma manhã do meu mês pra fazer nada além de fofocar e comer mini tarteletes de morango. Desprazer por se tratar de fofoca com elas, as RHs Unidas.

Funciona assim, você chega numa sala de conferências bonita, com quadros paisagem morta e uma mesa oval de madeira de lei, mas também pode ser uma sala moderna com

cadeiras tipo escola em tons neon, organizadas em círculo, cercadas por paredes pintadas por algum grafiteiro famoso no TikTok. Num dos cantos da sala, cerca de quinze mulheres se aglomeraram pra um café da manhã caprichado, encomendado numas das melhores boulangeries da cidade. Antes mesmo de poder agarrar um dos mini-quiche, você é obrigada a cumprimentar com beijinho cada uma daquelas mulheres, todas elas representantes das áreas de RH das maiores empresas da área de Beleza e Higiene Pessoal do Brasil. Depois de passar por uma mistura de cheiros de Miss Dior, Flower by Kenzo, La vie est belle e pó compacto, tudo o que você suporta ingerir é água aromatizada com hortelã e pepinos.

Nas rodinhas formadas em torno da mesa de quitutes, começa a conversa mole. você tá sabendo da Soraia, da LivreMulher? Resolveu sair do corporativo e virar mãe – a Femme tá querendo demitir toda a área de RH e contratar freelas – lembra da Judite, anda saindo com a CEO da empresa – me contaram que firma que paga bem é a de crypto, startup já era – e o post da Jéssica no LinkedIn, deve estar meio desesperada pra se recolocar – que tal essa novidade dos quatro dias de trabalho do Reino Unido, esses gringos são tudo doido – como vocês estão forçando a equipe de vocês a ir todos os dias pro escritório? – ouvi dizer que a Lucherrrie vai ser comprada por chineses.

Depois de meia hora de overdose de atualizações sobre a vida pessoal de pessoas que você não conhece e de previsões apocalípticas pro mundo do trabalho, vem a reunião propriamente dita. Cada encontro, um tema de RH vira pauta e o objetivo ali é a troca de melhores práticas, o que cada empresa anda fazendo de bom pra aperfeiçoar a experiência profissional dos funcionários. A ideia, a princípio, é ótima. Mas cada vez tem sido mais insuportável participar dessas reuniões.

Eu sei, deveria ser grata de estar naquele espaço de destaque, discutindo temas estratégicos, criando alianças e ampliando meu networking. Mas depois de três anos e quase 30 reuniões da RHs Unidas, tudo me parece superficial, fingido, improdutivo, tonto, sacal. Quando seremos honestas o suficiente pra dizer que o que nos move naquele grupo não é a realização, o bem-estar, o propósito, o reconhecimento, mas sim a ambição, o dinheiro, o status, o prêmio, o café da manhã do Maní?

Foi por isso que resolvi levar a Laura comigo, talvez uma forma indireta de dizer pra ela, “garota, cai fora dessa cilada que é trabalhar com RH”. Também porque o tema de ontem era conflito geracional e de que forma as empresas estão lidando com a chegada da Geração Z a seus quadros de funcionários. Ela ficou eufórica com o convite. Quando fui buscá-la na frente

do prédio da Care Baby, ela não estava de jeans rasgado e maquiagem preta, mas vestida com um terninho bege modelo 1997 e brincos de pérolas fake. ‘Viu só, Lia, curtiu o lookinho? Foi difícil achar uma amiga minha que tivesse alguma roupa careta pra me emprestar’.

Fiquei comovida.

Ao chegar na sala de reuniões da Beauty & Hair, levando Laura a tiracolo, notei um brilho extra em seus olhos. Talvez porque a apresentei a cada uma daquelas mulheres como Laura Mascarenhas, o mais novo talento da área de Gente da Care Baby. Dessa vez, não quis saber de nenhuma rodinha de conversa mole, me rendi às tarteletes e aos pains au chocolat, enquanto ela foi direto pra salada de frutas. Essa juventude!

Eis que, do nada, escuto um grito agudo, parecido a uma sirene.

‘Aaaaaaaaah, Lia-da-Care-Baby! Não me diga que você é a dona do Leio Vinhos!!!!’ Todas as mulheres em suas rodinhas se viraram na mesma hora em direção à Judite-da-Moods e, em seguida, pra mim.

‘Gente, olha só, uma influencer famosa entre nós!’

Eu só queria derreter ali mesmo, escorregar por algum ralo, cair na rua, escoar em direção à minha cama, me desintegrar de vez em meio às cobertas. Ela pegou a minha mão e reconheceu o anel de prata que eu usava em uma das últimas fotos do perfil. ‘Amo as suas dicas e seus textos, menina!’

O buchicho começou em cada uma das rodinhas. Muitas acessavam seus Instas à procura do perfil e mostravam umas às outras suas telas. Por sorte, a Mírian-da-Beauty & Hair nos chamou pro início da reunião. Laura notou o meu desconforto e disse, discretamente, que finalmente passaria dos dez mil seguidores. ‘Relaxa e aproveita a biscoitagem, Lia’.

Na reunião, fiquei mais aérea que o normal, detestando a sensação de ser descoberta naquele antro de fofoca. Enquanto isso, a cada fala da mesa, Laura anotava os pontos com interesse e usava uma caneta marca-texto pra palavras-chave como mentoria, linha direta, grupos de discussão. Na minha vez, comentei que a Care Baby não tinha nada específico àquele público. Laura tocou meu braço e perguntou se podia dar o depoimento dela sobre esse tópico. Fiz que sim com a cabeça.

Na hora, fiz meu dedo sangrar de novo, vai que a garota fala merda e depois eu vou ser pauta da conversa mole da próxima reunião. De novo. Mas com a confiança de uma modelo que entra na passarela da Paris Fashion Week, Laura disse que a cultura organizacional da Care Baby fazia com que os jovens funcionários se sentissem parte de suas equipes de imediato, a ponto de sentirem seguros pra sanarem dúvidas, darem ideias e implementar mudanças em processos. Segundo ela, isso vem de uma liderança inspiradora, constantemente exposta a treinamentos e ações de autocuidado como meditação e páginas matinais, o que ela achava ‘topzera’.

Quase correu uma lágrima depois de ouvir Laura falar. Sorri em retribuição. Quando fui sussurrar um agradecimento, recebi um WhatsApp da Cidinha.

Na tela, estava a seguinte mensagem:

‘Lia, a Susana morreu. O que eu faço?’

PÁGINAS MATINAIS: UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE NO DIÁRIO DE UMA MULHER CONTEMPORÂNEA

Sandra Acosta

1. Introdução

Páginas Matinais é um projeto de romance ficcional sobre Lia, uma mulher na faixa etária dos quarenta anos que se vê imersa em um contexto de sobrecarga mental e apatia em relação a seu entorno, prestes a tomar decisões profissionais e pessoais que impactarão sua vida, aparentemente já estabelecida e consolidada. A escrita diarística foi escolhida como recurso literário para o romance, na qual a personagem central usa os fatos do seu dia a dia como pano de fundo para aprofundar seus pensamentos e sentimentos perante temas como trabalho, família e relacionamentos.

Lia tem 36 anos, é recém-divorciada, não tem filhos e mora em São Paulo, no Brasil. Por conta de uma série de ações de bem-estar direcionadas aos funcionários da Care Baby, empresa de fraldas onde Lia trabalha há 15 anos, a personagem se vê levada a escrever páginas matinais, uma espécie de diário escrito pelas manhãs com o intuito de “recuperar a criatividade”. A princípio, ela trata o exercício diário com resistência e displicência; com o passar dos dias, a escrita é incorporada como uma prática de compreensão sobre si mesma em um contexto de mudanças e desafios.

Após trabalhar como Diretora de Recursos Humanos (RH) na filial brasileira da Care Baby por dois anos, Lia recebe um convite para trabalhar na matriz da empresa em Estocolmo, na Suécia. Ela aceita a vaga, no entanto, a decisão é acompanhada da culpa por deixar Cidinha, sua mãe, sozinha no Brasil, do medo de encerrar definitivamente o vínculo afetivo com seu ex-marido Zeca, do pesar de se distanciar de Fernanda, sua única amiga que está grávida, e da incerteza de enfrentar um recomeço após a mudança de país.

Nesse meio tempo, Cidinha sofre a perda de uma amiga; como forma de consolá-la, Lia convida a mãe para uma viagem a Portugal antes da mudança definitiva para a Suécia. Os dias passados no país tornam-se uma busca pelas origens familiares e um resgate do vínculo com

sua mãe e consigo mesma. Ao longo das suas páginas matinais, Lia repensa as suas escolhas, tanto as do passado e quanto as do futuro, redefinindo sua vida.

Este estudo, por meio de uma análise do projeto criativo *Páginas Matinais*, propõe uma discussão sobre como a escrita diarística pode exprimir os anseios de uma mulher contemporânea ao vocalizar seu desejo por romper com as expectativas que uma sociedade ainda machista e patriarcal põe sobre ela. Além disso, será discutido como a pós-modernidade, manifestada na forma de diferentes textos, media, tecnologias, redes sociais, etc., interfere na escrita de um diário por parte de uma mulher nos dias de hoje acerca de temas como trabalho, família e maternidade.

Esta dissertação está dividida em mais quatro capítulos. No Capítulo 2, são apresentados os antecedentes à produção de *Páginas Matinais*. No 3º Capítulo, serão apresentadas as discussões a respeito da escrita diarística e sua aplicação no projeto. O Capítulo 4 discutirá as influências da pós-modernidade na linguagem e nos temas abordados no diário de Lia, tanto do ponto de vista do tempo quanto do espaço. No Capítulo 5 são feitas as Considerações Finais.

2. Antecedentes

Desde meu início na criação de textos literários, meu interesse esteve na autoficção, com narradores autodiegéticos, segundo o modelo literário do crítico Gérard Genette. Reparar no que se passa de trivial no dia a dia e transformar isso em inspiração para crônicas acabou sendo um percurso interessante para mim na Literatura. O meu primeiro livro, *Pra quê varanda se a vista é feia?* (Acosta, 2021) contou com histórias curtas escritas a partir do meu cotidiano, das minhas viagens e de impressões pessoais sobre a pandemia da Covid-19.

A incursão no mundo da ficção é recente. Em 2020/2021, fiz um curso de escrita de Roteiros para Cinema e Séries de TV na HFA – Escola de Cinema, na cidade de Curitiba, com o Roteirista e Professor Rafael Waltrick. Como trabalho de conclusão de curso, escrevi o piloto de uma série de TV chamada *Clube do Livro da Mulher sem Filho* sobre a história de quatro amigas que se reúnem para falar sobre livros clássicos escritos por escritoras e que compartilham, além da amizade, o fato de não terem filhos.

Na época, a não-maternidade começou a ser um tema de interesse para mim pelo fato de estar indecisa sobre ser ou não ser mãe. Decidi, portanto, escrever o roteiro sobre o tema. Li livros e matérias sobre o assunto, além de fazer entrevistas com mulheres que não tinham filhos como forma de acessar outras perspectivas sobre a não-maternidade e, assim, ter embasamento para as personagens que estava desenvolvendo.

A personagem Lia começou a ser criada ao longo das cinco aulas de Ficção Narrativa na disciplina “Oficina de Escrita Criativa”, ministrada pela Professora Susana Araújo no Mestrado em Escrita Criativa da Universidade de Coimbra. Ali, desenvolvi quatro capítulos do que seria uma história de Lia, chamada provisoriamente de *Querer Ir, Querer Ficar*. As decisões de ir querendo ficar ou de ficar querendo ir tornavam Lia mais ciente de que as respostas corretas não existem e de que era preciso amadurecer para lidar com as consequências de ambas as escolhas.

Outro tema que tenho aprofundado em meus projetos é o das pessoas que resolvem migrar. Em virtude da minha experiência como bisneta de italianos e portugueses que migraram rumo ao Brasil, filha de um colombiano que se mudou para o Brasil e de migrante brasileira que chegou na Europa há dois anos, considero os movimentos migratórios como episódios de intensa carga emocional e narrativa. Por querer conhecer mais histórias de mulheres que mudaram de país nos últimos anos, criei o podcast *A hora da virada* (Acosta, 2022), disponível na Plataforma Spotify. Nele, entrevistei 24 migrantes, totalizando 1.192 minutos em episódios sobre coragem, aprendizado e resiliência¹.

Por fim, ao longo do 2º semestre de 2022 e 1º semestre de 2023, tive a oportunidade de ser bolsista do Programa Erasmus em uma temporada de estágio na *University of Roehampton*, em Londres, no Reino Unido. Durante esse período, fui aluna ouvinte do *MA in Creative Writing* da instituição, assistindo às aulas e realizando as atividades propostas nas disciplinas

¹ Para a relação de entrevistadas do podcast *A hora da virada*, prospectei uma amostra diversa do ponto de vista geográfico. As mulheres entrevistadas moravam na Europa (33%), Américas (29%), Ásia (25%), África (8%) e Oceania (4%). Da amostra entrevistada, as principais motivações para migrar foram “Família” (acompanhar a carreira do parceiro ou buscar qualidade de vida à família) com 42%, seguida de “Trabalho” (transferência ou nova oportunidade de emprego) com 38%, “Estudo” (17%) e “Religião” (4%). Quando se somam as motivações profissionais/ intelectuais (“Trabalho” e “Estudo”), essas superam as motivações pessoais (“Família” e “Religião”) em 8 p.p., o que mostra um maior protagonismo dessas mulheres na decisão de mudar de país. Com relação ao tema maternidade, 42% das mulheres entrevistadas não tinham filhos; do total de mulheres com filhos, 65% tiveram seus filhos enquanto migrantes, demonstrando a predisposição das mulheres entrevistadas em formarem suas famílias no exterior.

de *Creative Contexts*, com Dr. Jerome Maunsell, e de *Short Stories* e *Novel* com a Dra. Rachel Knightley.

2.1. Os recursos literários em Páginas Matinais

Numa primeira fase, *Páginas matinais* havia sido pensado como um romance ficcional com narradora autodiegética, no qual seria usado o *stream of consciousness* ou fluxo de consciência como recurso literário. Propunha-se um espaço em que Lia teria voz para expressar seus pensamentos sobre a não-maternidade, o casamento e o ambiente de trabalho de forma caótica e errática, rompendo com a linguagem ao usar elementos como frases curtas e fragmentadas, espaçamento simples, letras minúsculas, separação de sílabas, letras isoladas.

No entanto, considerei que usar essa técnica de escrita ao longo de todo o projeto de romance poderia se tornar cansativo tanto da perspectiva de quem o escreve quanto de quem o lê. Como autora, não me via sustentando a escrita de mais de cem páginas do romance espelhando cada uma das sensações da personagem em frases, palavras e letras, mantendo a originalidade e a autenticidade características da técnica.

Dessa forma, decidi que em *Páginas Matinais* seria interessante manter a focalização interna, mantendo a narradora autodiegética, mas alterando a técnica de escrita para a diarística. Na obra, Lia inicia a prática de escrever todas as manhãs em uma espécie de diário, relatando sua rotina de atividades no trabalho e em casa, bem como suas reflexões sobre ela.

2.2. A escolha do título Páginas Matinais

Há quase dois anos, quando esta história começou a ser idealizada, um dos títulos pensados para a obra foi *Querer Ir, Querer Ficar*. O título remetia ao fato de que as grandes decisões da vida da protagonista estavam relacionadas aos desejos conflitantes de querer ir e de querer ficar: sair da casa da mãe, casar-se com Zeca, se tornar mãe, se separar, decidir ir trabalhar no exterior.

No entanto, algumas características da personagem principal e do enredo foram mudando ao longo da escrita, o que tornou o título desatualizado. Antes, havia um elemento diegético que movia a narrativa (uma dúvida sobre a potencial ida da protagonista para o

exterior pelo fato de ter uma filha, cujo pai ficaria no Brasil) e que bifurcava o texto narrado em duas possibilidades alternativas: (a) ir (b) ficar, que seriam exploradas em alternância. Essa premissa mudou em decorrência de uma decisão própria, enquanto autora, de dar mais atenção ao tema da não-maternidade e da reflexão sobre esta problemática, que só recentemente ganhou mais atenção literária e ensaística, através da diarística. Agora Lia só quer ir, apesar da insegurança que essa decisão pode implicar a seus relacionamentos e rotinas.

Provisoriamente, o título da obra é *Páginas Matinais* em referência à prática diária de escrita empreendido pela protagonista. Além disso, o termo “páginas matinais” faz referência a uma das modas dentro do universo da autoajuda pessoal e profissional que promete resolver o problema de falta de criatividade por meio da escrita.

3. A escrita diarística em *Páginas Matinais*

Neste capítulo é dada ênfase à escrita diarística e a forma que ela foi empregada em *Páginas Matinais*. No primeiro subcapítulo, serão analisadas as características do projeto criativo que o categorizam como um diário dentro da escrita diarística. O segundo subcapítulo discutirá as diferentes vozes narrativas usadas no diário de Lia, incluindo o fluxo de consciência e como ele contribui para compreender a realidade da personagem central. Por fim, o terceiro subcapítulo tratará dos assuntos relacionados ao universo feminino presentes em *Páginas Matinais* e como ele se aproxima da tradição dos diários escritos por mulheres.

3.1. Páginas Matinais e o diário

Em virtude da pandemia de Covid-19, as dinâmicas dentro do ambiente de trabalho mudaram consideravelmente ao longo dos últimos três anos com a ampliação do trabalho remoto e/ou híbrido, o aumento das interações sociais por meio das telas e a intensificação das incertezas com relação ao panorama socioeconômico pós-pandêmico. Esse cenário, concomitante às políticas de isolamento social, levaram a um aumento nos casos de estresse, *burnout* e crises de

saúde mental entre os funcionários de empresas², resultando em redução da produtividade, afastamentos por doença e até pedidos de demissão.

Como forma de contornar essa situação, mantendo funcionários produtivos e engajados, muitas empresas têm implementado programas corporativos de bem-estar voltados ao autocuidado de seus funcionários³. No entanto, esse tipo de solução imediatista tira o foco dos problemas estruturais relacionados à gestão de equipes que deveriam ser administrados pelas empresas como, por exemplo, a manutenção de culturas corporativas tóxicas que valorizam a competição excessiva, as jornadas de trabalho extenuantes e o desequilíbrio entre vida pessoal e profissional de seus funcionários⁴.

Páginas Matinais se passa nesse contexto do universo corporativo e procura explicitar o caráter paradoxal existente em uma empresa que quer que seus funcionários sejam mais produtivos por meio de atividades que estão fora do escopo dos seus trabalhos. Para que essas relações contraditórias entre funcionários e executivos-chefes fossem explicitadas, defini que a personagem central trabalharia como a gestora responsável pela área de Recursos Humanos (RH) em uma empresa multinacional. A personagem se vê compelida, por parte da liderança executiva da empresa, a implementar uma série de ações voltadas ao bem-estar no ambiente de trabalho, como uma forma de melhorar a produtividade dos funcionários esgotados mentalmente após o período da pandemia⁵. Ao escrever sobre Lia nesse papel, a minha ideia era evidenciar os relativos limites de poder existentes na liderança média de uma empresa: com o seu cargo de diretora, ela é vista pelos funcionários da base como detentora de autoridade, portanto, precisa fazer parte das ações de bem-estar para ser “exemplo”, mas, aos olhos do *C-level*, Lia é gestora de uma área interna da empresa (e não-geradora de lucros), mera executora das estratégias previamente definidas por eles, com reduzido poder de articulação ou influência.

² “Um estudo de março de 2021 entre 1,5 mil trabalhadores americanos, conduzido pela plataforma de recursos humanos Indeed, mostrou que 67% dos participantes acreditavam que o burnout aumentou durante a pandemia de Covid-19.” (Christian, 2023)

³ “O movimento de busca de mais felicidade nas empresas é uma aposta para evitar afastamentos, reduzir turnover e manter a produtividade e o clima.” (Corrêa, 2022)

⁴ De acordo com a jornalista Jennifer Moss, autora do livro *Burnout Epidemic: The Rise of Chronic Stress and How We Can Fix It*, em Suttie (2021): “*If you want to address the burnout problem, the first step is repeating and internalizing this mantra: Burnout is about your organization, not your people. Yoga, vacation time, wellness tech, and meditation apps can help people feel optimized, healthier. But when it comes to preventing burnout, suggesting that these tools are the cure is dangerous.*”

⁵ “A questão é que a Joyce-da-Vida-Plena, nessa tarefa hercúlea de fazer o board e a média gestão não enlouquecerem em um cenário pós-pandêmico de home-office, burnouts e quiet-quitting – tudo isso estava no briefing pra ela, um monte de termos em inglês que tem afetado e muito nossos indicadores brasileiros de lucratividade –, propôs uma série de atividades-poesia de reconexão do eu com o eu como uma forma de conectar esse eu com o outro” (p. 6)

O pretexto que criei dentro da trama para justificar o início do diário de Lia foi a prescrição, por parte de uma consultoria contratada por sua empresa, das chamadas páginas matinais, uma espécie de diário escrito pelas manhãs⁶. Segundo o artigo “*How do diaries end?*” (Lejeune, 2001, p. 99), o início de um diário é quase sempre indicado como tal, marcando esse novo território da escrita com um nome, um título, uma autoapresentação. A primeira frase do projeto é “Páginas matinais devem ser a atual paleta mexicana dos coaches” (p.1), uma referência depreciativa ao exercício proposto de escrever, já que o associa a uma moda breve e, assim, sem pouca importância.

Segundo Merry (1979, p. 3), o diário é um diário íntimo, um diálogo pessoal entre o escritor e a sua persona privada. Nessa mesma linha, Folena (1985, p. 5) define que o diário é a escrita *pro memoria*, que é antes de tudo comunicação consigo mesmo no tempo. Como autora, faço com que Lia reconheça essas definições do que seja um diário e compreenda que as páginas matinais, apesar da roupagem moderna e utilitarista dada pela consultoria, não deixam de ser um diário. A personagem torna-se, portanto, crítica da proposta e exterioriza o absurdo da “nova” atividade extralaboral:

“O engraçado é que esse pessoal do bem-estar pensa que tá inventando a roda, páginas matinais são um diário, Anne Frank já fazia durante a guerra, Carolina Maria de Jesus fazia na favela”
(p. 1)

Na trama de *Páginas Matinais*, o diário foi escolhido como recurso literário para que Lia se expresse frente aos conflitos que surgirão em sua vida profissional e pessoal. O diário é a “clássica articulação verbal da quotidianidade” (Hogan, 2008, p. 95) e é justamente a “quotidianidade, ou seja, o ato de escrever no dia e não sobre os dias, a única qualidade que marca o diário como uma forma distinta de escrita” (Sinor, 2002, p. 123). Ao escrever sobre as reações de Lia frente aos acontecimentos do seu cotidiano, sejam eles corriqueiros como, por exemplo, lidar com um vizinho que estaciona muito próximo de seu carro, ou singulares, como uma promoção para o exterior, pretendo apresentar quem é Lia, quais são seus valores e suas motivações como personagem.

⁶ No livro *Dear World: Contemporary uses of the Diary* (2014), Cardell comenta como esse tipo de escrita terapêutica visa a criar um ideal de vida autêntica e busca de cura: “*How-to guides to life-writing while advocating methods for writing or advice about publishing also respond to a complicated cultural injunction that most of us are living ‘inauthentic’ lives, lives in need of examination and lives that, if not explicitly traumatic, are in need of a degree of ‘healing.’*” (p.28)

Apesar de ser considerada uma ação ligada à esfera pessoal, a escrita é colocada na história como mais uma demanda corporativa⁷ e, portanto, deve seguir determinadas condições⁸ para poder trazer os “resultados esperados” em termos de criatividade e produtividade: é preciso ser realizada pelas manhãs, deve ser feita à mão, devem ser escritas três páginas⁹. Transpondo o texto manuscrito no espaço de três páginas para caracteres digitados, seria algo em torno de 5700 caracteres ou 975 palavras, ou seja, cada entrada do diário de Lia não poderia variar muito dentro dessa medida. Porém, como forma de não me sentir presa para escrever dentro desses espaços pré-definidos, fiz com que a personagem se mostrasse contra as regras definidas pela consultoria Vida Plena¹⁰.

Para Muscariello (2013, p. 294), que analisa a obra *Caderno Proibido*, de Alba de Céspedes, o diário “é percebido por sua dona como um censurável instrumento de insubordinação a ser escondido de qualquer olhar externo”. Os diários mais clássicos tinham como atributo o fato de serem secretos, alguns até eram guardados à chave. Para Lia, fiz questão de imaginá-la pouco à vontade com a ideia de ter um diário por conta do medo de que alguém lesse seus segredos¹¹, o que a aproxima da afirmação de Williams (2020, p. 9) que diz que os “diários são perigosos – eles testemunham, contam a verdade”. Essa “verdade” está relacionada não apenas à leitura de terceiros e a possível descoberta de detalhes íntimos, mas também àquilo que, não sendo consciente ao escritor, passa a ser, numa espécie de autorrevelação do seu eu mais profundo. Assim, o diário se torna um *romain à clef*, em que o próprio escritor se dedica a interpretar as múltiplas camadas de sentido do seu texto e do seu “eu”, seja durante a escrita, seja durante uma possível releitura.

No entanto, com o avançar da obra, pretendo tornar a personagem Lia cada vez mais à vontade com a sua atividade de escrita, perdendo o medo de expor sua vida ou suas verdades mais recônditas. Essa transformação se dará no contexto das redes sociais, onde Lia tornará

⁷ “Sou uma babaca que se importa, merda, é essa tristeza desde a pré-escola, o jeito é fazer essas páginas durante alguns dias, sacar qual é o esquema e depois usar essa amostra como parâmetro pra qualquer comentário inquisidor sobre o tema” (p.2)

⁸ “Esse povo zen se diz compreensivo, defendendo a filosofia de cada-um-no-seu-ritmo-respeite-seu-corpo-e-o-escambau, mas no fundo, no fundo, caga regra como todo mundo que se coloca em uma posição de influência” (p. 1-2).

⁹ Como inspiração, usei o método das páginas matinais apresentado no livro *O Caminho do Artista* (Cameron, 2017), uma das técnicas de escrita terapêutica difundidas nos últimos anos. No Brasil, durante a pandemia da Covid-19, a técnica se tornou “hit da quarentena” em um contexto em que as pessoas estavam isoladas em casa, buscando atividades que as ajudassem a manter a sanidade mental. (Di Domenico, 2020).

¹⁰ “MAS, se é pra fazer essa porcaria, que seja então do meu jeito, nada de quantidade mínima de páginas, horários rígidos, temas floridos, rituais xamânicos” (p. 3).

¹¹ “Nunca gostei de diário, nem daqueles com cadeadinho e mini chave, sempre achei que a Cidinha ia fuxicar e descobrir todos meus segredos” (p. 1).

seus *posts* sobre vinhos cada vez mais pautados em suas experiências e histórias pessoais. Em *Online Diaries: Towards a Structural Approach* (2004, p. 471), Serfaty considera que as telas dos computadores e dos celulares:

“(...) são uma espécie de espelho que o eu-privado pode ultrapassar os limites impostos pelos códigos sociais e se conectar com os outros em ambientes virtuais. Todos os leitores de diários online se tornam espelhos para escritores de diários, refletindo e comentando todos os seus pensamentos e, portanto, fornecendo um espaço social no qual o eu privado pode ser implantado e se reconectar com o eu social.”

Assim, por meio dos *blogs*, *vlogs* e redes sociais, variações mediáticas de diários *online* surgidos no contexto da pós-modernidade (assunto a ser discutido de forma mais aprofundada no próximo capítulo deste estudo), existe uma relação complexa em que, por meio de um ilusório anonimato, um indivíduo expõe seu cotidiano, realizações e pensamentos e, ao mesmo tempo, se conecta e se comunica com uma comunidade de anônimos que acompanham o diário. Esses, por sua vez, podem interagir instantaneamente e, inclusive, podem interferir nas entradas futuras. Como autora, a ideia é transformar as entradas do diário de Lia a partir da Parte III do projeto, sobretudo às relacionadas aos *posts*, em crônicas do seu cotidiano usando os vinhos como pano de fundo, fazendo referência a um comentário ou sugestão do seu público leitor.

A questão do local onde se colocar a data ou se ela deve ser incluída são vitais sobre a estética por trás de um diário (Merry, 1979, p. 6). Se a data vem antes do relato do dia ou depois, se é incluída a informação de dia da semana ou não, se a ela é associada uma informação como uma música ou o nome do santo do dia, são informações indicativas do tipo de leitura que se deseja que o leitor ou leitora tenha do diário. Por exemplo, no romance ficcional *Diary of a Void*, da autora japonesa Emi Yagi (2022), os registros-capítulos do diário acompanham as semanas da gravidez falsa que a personagem central Shibata sustenta frente aos seus colegas de trabalho como forma de não se submeter às atividades domésticas delegadas a ela. Da semana um à semana quarenta, a trama se desenrola e nos leva, como leitores e leitoras, a uma confusão entre verdade e mentira, uma vez que a própria Shibata se envolve na gravidez falsa a ponto de acompanhar o crescimento da sua barriga-vazia por meio de um aplicativo voltado a gestantes.

No caso de *Páginas Matinais*, a minha decisão como autora foi a de não colocar a informação da data, mas sim uma numeração das entradas, indicando que a rotina da

personagem Lia é uma sequência de dias iguais e monótonos¹², inclusive finais de semana. No entanto, a partir do momento que Lia sai do Brasil e se desloca para o exterior, a data e o dia da semana começarão a ser incluídos no início de cada entrada do diário, convidando o leitor ou leitora a terem um consumo “cronológico do texto”. A partir desse momento do romance, a inclusão de data pretende fazer um registro afetivo da experiência de viagem entre uma filha com sua mãe, portanto, marcando os acontecimentos e as reflexões como uma “forma de tomar uma posição contra a passagem do tempo, que varre todos os pensamentos, emoções, eventos e experiências em direção ao esquecimento” (Williams, 2020, p. 10).

Em *Páginas Matinais*, decidi que o exercício de escrita de Lia ocorresse pelas manhãs, como uma das regras definidas pela consultoria. O efeito dessa decisão reflete em um tipo de texto mais reflexivo porque parte de um passado recente, isto é, o relato de algo que aconteceu no dia anterior da personagem. A emoção do momento, de certa forma, se extingue porque Lia tem algumas horas, incluindo o tempo do sono, para processar o que esses fatos representaram dentro da sua história e o que opinar a respeito deles. Em consequência desse efeito, pude apurar o senso crítico da personagem e manifestá-lo por meio do humor e do sarcasmo.

No trecho abaixo, Lia recapitula seu dia anterior e faz uma lista de episódios pela qual deveria se sentir grata:

“Sou grata porque o meu iogurte estava com cheiro de estragado, o que me estimulou a ter que procurar algo comível (e caro) pra comer na rua.” (p. 3)

Ainda assim, em *Páginas Matinais*, resolvi focar a escrita no tempo presente e nos sentimentos que são desencadeados a partir dele. Isso porque, como Folena (1985, p. 6) enuncia, “não pode, se for diário, abolir o *nunc* [agora], o ponto do tempo no qual cada um de nós vive de certo modo o último momento do mundo, em solidão ou em sincronia com os outros, e fixa sua última experiência”. Escrever sobre as experiências banais de uma mulher contemporânea, sem grandes feitos ou afetos, visa a tornar o trivial em “último momento do mundo”, relevante pela sua unicidade e pela sua universalidade. Ou seja, por meio do diário, imagino como pode

¹² “Se eu seguir a lógica da drenagem linfática, uma massagem dolorida que elimina toxinas do corpo, essas páginas serão o suco da monótona rotina de uma mulher contemporânea cansada, com dor nas costas e com vontade de passar a vida assistindo doramas na Netflix.” (p. 3)

ser a progressiva descoberta de Lia a respeito do seu eu através da escrita, numa espécie de busca de sentido para os fatos mínimos da vida¹³.

3.2. As vozes narrativas no diário de Lia

Em *Páginas matinais*, decidi adotar a primeira pessoa do singular quase na totalidade das entradas do diário como forma de dar um tom confessional da personagem sobre assuntos diversos, desde lembranças da adolescência¹⁴, reflexões sobre sua rotina profissional¹⁵ e até mesmo sonhos que teve durante o sono. Nas entradas iniciais, decidi incluir descrições mais objetivas, inclusive sendo um espaço de reclamação sobre o escrever¹⁶; já as páginas mais avançadas se tornam espaço para questionamentos mais profundos sobre a realidade e personalidade de Lia.

Em uma das passagens, Lia relata um pesadelo que teve com sua mãe:

“Hoje eu sonhei que estava em um barco. Parecia um barco rústico, de madeira escura. Eu tava sozinha ali no convés, tentando alterar a rota daquele monstro, mas não conseguia. De repente, a uns 50 metros, em uma ilhota está a Cidinha com uma cauda de sereia. Ela canta maravilhosamente bem e, ao mesmo tempo, chora. Eu me desespero e resolvo mergulhar até ela, pra ver o que ela precisa. Só que, pelo jeito, eu não sei nadar e começo a me afogar. Cidinha pula na água atrás de mim e já não tem mais cauda de sereia. Fim.” (p. 9).

A escrita diarística serve para mostrar como uma personagem que vive sozinha e que não convive com alguém próximo o bastante para conversas mais pessoais e íntimas, usa o diário como um confidente para aquilo que a revolta, a envergonha e a assusta. No trecho acima, o barco rústico, de madeira escura, pode ser uma referência a sua empresa, de origem nórdica. A questão da solidão é ressaltada no estado das duas personagens do sonho, tanto a “marinheira” quanto a “sereia”, sozinhas em suas “ilhas”. O afogamento no sonho chama a atenção para

¹³ No romance italiano *Caderno Proibido*, a personagem Valeria escreve sobre essa busca de sentido em seu diário: “aprender a compreender realmente o significado mais recôndito da vida. Mas não sei se isso é um bem, temo que não” (de Céspedes, p. 36).

¹⁴ “Justamente por esse comportamento cauteloso da minha adolescência, vou poder levar pra sepultura o amor platônico pelo Caio Cocada na sétima série, o roubo de umas balas nas Americanas e a compra equivocada de uma G Magazine em 2002” (p. 1).

¹⁵ “Fico tentando me lembrar quem é que teve a brilhante ideia de chamar a Vida Plena como consultoria de bem-estar pra Care Baby. Tá certo, a caneta foi minha, essa é a função de uma Diretora de Gente, contratar consultorias pra resolver o problema de liderança e engajamento de gestores que não são líderes e não são engajados” (p. 5).

¹⁶ “Não sei o que escrever. Não sei o que escrever. Escrever não sei o quê.” (p.2)

o fato de ambas as personagens não saberem lidar com suas emoções a ponto de estabelecer uma conexão de confiança entre mãe e filha.

Além de escrever usando a primeira pessoa do singular, optei também por usar a segunda pessoa para que a personagem pudesse estabelecer um diálogo consigo mesma, tratando-se pelo pronome “você”. No Dia 5, por exemplo, Lia relembra do que se tratam as páginas matinais após ficar sem escrever durante três dias, como se estivesse falando em voz alta consigo mesma:

“Vamo lá Lia, as páginas podem ser sobre o tudo e sobre o nada. [...] Você pode até misturar lances mais etéreos com a lista do mercado, olha só a praticidade das páginas matinais, um combo de benefícios, minha senhora.”

No Dia 12, escrevi um trecho em segunda pessoa no tempo verbal imperativo afirmativo para dar um tom punitivo e recriminador à ação da personagem por ela convidar o ex-marido Zeca para um encontro. Na escrita diarística, o efeito pretende estabelecer um relativo distanciamento entre a personagem que escreve da personagem que realizou a ação a ser condenada:

“Baita cagada Lia, apenas pára, ele já não é mais o seu cara, deve ser o cara de outra, uma mulher mais nova que você, [...] Acorda e se toca, seu tempo acabou, Lia.” (p.28)

Em “The Literary Diary as a Genre” (1979, p. 4), Merry comenta que, ao ler um diário que adota a forma “tu/ você”, é como estar na presença de um estilo artístico de anotação autoconsciente, onde o autor desse a si próprio instruções e lembretes no imperativo, repreendendo a si a partir de uma “*identity once-removed*”. Mais uma vez, a solidão de Lia torna seu diário não apenas um confidente, mas também um mentor moral, acima de seus erros e inseguranças.

Outra estratégia narrativa usada em *Páginas Matinais* é o *stream of consciousness* ou fluxo de consciência, introduzido na Literatura pelos romances do período Modernista. Ao definir o método de escrita que a personagem seguiria, considere que ela pudesse escrever sem pensar, colocando no papel a primeira ideia que lhe viria à mente¹⁷. De acordo com Bowling (1950, p. 345), o fluxo de consciência pode ser definido como sendo um método narrativo no

¹⁷ “Segundo a Joyce, ao escrever sobre qualquer coisa, os pensamentos surgem em livre associação, como uma espécie de drenagem cerebral.” (p. 3)

qual o autor tenta quotar a mente e a consciência de forma direta, nos levando diretamente ao interior da vida da personagem, sem nenhum comentário ou explicação por parte do autor.

Para Lacan, “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1981, p. 135). Ou seja, para Lacan, a existência de uma estrutura no inconsciente já estava presente em Freud, que oferece uma visão deste domínio como algo que não é totalmente caótico ou inalcançável, como consideravam os filósofos clássicos, mas tem já características linguísticas ou textuais. O fluxo de consciência seria, assim, o processo em que o autor ou autora transforma em discurso aquilo que está na dimensão simbólica dos personagens, i.e., seus pensamentos, sonhos, desejos e medos, transformando o caos do inconsciente em estrutura na forma de linguagem. O leitor ou a leitora, por meio dessa estratégia de narração, tem a impressão de ter acesso ao pensamento não-mediado da personagem – aleatório, informal, não-polido, não-censurado.

Em determinados trechos do projeto, resolvi criar passagens indicativas de um estado menos-editado dos pensamentos da personagem Lia. Para dar esse efeito, usei uma sequência de frases curtas conectadas por travessões, como se para captar as ideias ou acessar o inconsciente da personagem naquele preciso momento, não pudesse usar a linguagem formal para “não perder tempo” ou deixar “escapar” algum pensamento. O texto, então, é ordenado para criar a impressão de desordem e caos.

No trecho abaixo, a personagem elenca uma série de possíveis conjecturas sobre o que Laura, integrante de sua equipe, deseja falar com ela:

“[...]cansei de fazer power points, quero agora participar do board – posso fazer um horário flexível e trabalhar de madrugada – tô namorando o Gutinho do Pricing, o que preciso fazer – a minha vizinha de mesa fede cecê – o pessoal tá reclamando porque eu trago peixe de marmitta.”
(p. 16)

Por conta de sua experiência como profissional de RH, na qual já viu muitos tipos de situações inusitadas acontecerem aos funcionários da Care Baby, a conversa com Laura traz ansiedade à personagem Lia, o que torna o ritmo de seus pensamentos ainda mais intenso. Como agravante, Lia se angustia com os problemas relacionados a uma geração mais jovem, como se vê nas frases “posso fazer um horário flexível e trabalhar de madrugada” e em “tô namorando o Gutinho do Pricing, o que preciso fazer”.

No dia 12, após receber uma mensagem de Zeca lembrando-a do segundo aniversário do seu “descasamento”, há mais um trecho em que o leitor e a leitora são convidados a “entrar” na mente de Lia:

“Além do barulho do motor dos ônibus, das buzinas dos motoboys, das vozes dos pedestres, ouço meu salto batendo no chão liso daquela calçada rica, o calcanhar já não incomoda depois do bandeide, me vejo em movimento, sinto um vento gelado que encana entre os prédios, as faces desconhecidas, sisudas e esquisitas, elas me lembram de que há outras vidas, mas os dramas se repetem, e eles passam, quem não se sente sozinho numa megacidade cheia de semáforos e placas, os excessos são reflexos da falta, falta de profundidade, de escuta, de direção, de silêncio, um lugar pra se pousar no meio da tarde de uma segunda-feira, aquela sensação de poder fazer o que se quiser com o tempo, sabendo da sua fluidez, sim, ele também passa e vai embora, as vitrines das boutiques refletem o ir e vir do tempo nas coleções, roupas que a gente compra e usa em mais um comitê importante nas salas com ar-condicionado e luz branca, mais um comitê esquecido como todos os anteriores e todos os próximos até o fim das agendas, mas o que eu não quero esquecer? que parte da minha história eu quero lembrar? pra onde quero me mover? o que passa por mim e eu não vejo?”(p.28)

No entanto, ao invés os travessões, usei como recurso literário um período longo de frases curtas conectadas por vírgulas, sem pontos finais e nem maiúsculas. Aqui, pretendi dar a ideia de que Lia, ao sair do prédio comercial, se visse no meio da vida real da cidade e assim entrasse no estado letárgico de um sonho, no qual flutua acima do “chão liso daquela calçada rica”, por entre “faces desconhecidas, sisudas e esquisitas”, se questionando sobre o que não quer esquecer e para onde deseja se mover. Por via destas imagens e ações, pretendi demonstrar que a personagem está sozinha frente aos atuais desafios da sua vida.

3.3.Páginas Matinais e o universo feminino

Os diários são frequentemente referenciados como parte da literatura tradicional feminina por serem as únicas formas de escrita que as mulheres eram permitidas a praticar e, por esse motivo, excluídos do cânone literário (Huff, 1989, p. 9-10). Isso se devia ao caráter não-público do diário, sobretudo o *journal intime*, cujo foco era voltado à escrita do eu e era considerada uma ocupação inofensiva (Raoul, 1989, p. 58).

Ainda que as escritoras estejam ocupando novos espaços na Literatura ao longo dos últimos anos, ganhando destaque em eventos e prêmios literários¹⁸, escrever um diário não implica uma visão profissionalizante ou artística da escrita: é ainda uma prática segura onde as mulheres podem iniciar a escrever e beneficiar do seu caráter criativo, formativo e promotor de autoconhecimento sem terem que se autodenominarem escritoras. É nestes termos que devemos entender a personagem Lia e a sua relação com a escrita. Criar uma personagem que não se via como alguém que pudesse escrever três páginas diárias sobre sua vida¹⁹, apesar de exercer o ofício informalmente por meio dos seus textos sobre vinhos nas redes sociais, me levou a criar uma postura mais defensiva de Lia com relação à escrita²⁰. Ela tarda alguns capítulos para finalmente se sentir mais à vontade ou reconhecer benefício²¹ próprio na atividade.

Em *Páginas Matinais*, Lia escreve sobre a realidade de uma mulher que ocupa um cargo executivo em uma empresa multinacional, de uma mulher que se divorciou de um homem que a amava, de uma mulher que resolveu criar uma persona anônima nas redes sociais, de uma mulher que decide mudar de país, de uma mulher que resolveu não ter filhos. Sobre a questão da não-maternidade, assunto que pouco a pouco deixa de ser tabu na sociedade ocidental²², pretendi demonstrar que a personagem chega a criar sua própria linguagem para denominar essa decisão de vida:

“Além disso, a gente sempre detestou os rótulos colocados às mulheres que não tem filhos, tipo as “sem filhos” ou as “não-mães”. Era como se estivesse atrelado, nessa denominação, uma conotação negativa por algo que dizia respeito somente às nossas vidas. Por isso, a gente criou um título pra nossa “condição”: as LFs, ou as “livres de filhos”, traduzindo o termo do inglês childfree e uma brincadeira com as iniciais dos nossos nomes. Era maravilhoso ter a palavra ‘livre’ associada a uma escolha pessoal e nos uníamos ainda mais como amigas dentro dela.”
(p.13)

Escrever sobre uma mulher sem filhos e seus sentimentos com relação a essa decisão foi a forma que encontrei, como autora deste projeto, de normalizar as diferentes escolhas de

¹⁸ No Brasil, dos dez finalistas da Categoria Romance do Prêmio Jabuti de 2022, oito eram mulheres (O Globo, 2022).

¹⁹ “Sacoooo, não sei o que escrever, não sou escritora.” (p. 2)

²⁰ “Vou aproveitar essa chatice das páginas matinais pra criar um roteiro do que vou falar com ela na sessão de hoje, definindo macrotemas.” (p.11)

²¹ “Ao mesmo tempo, escrever sobre essa fase de mudanças pode ser importante. Quantas vezes a gente quer lembrar o que aconteceu no desenrolar de uma mudança significativa e não consegue. A tendência é achar que tudo foi maravilhoso ou uma merda, o que não é verdade.” (p. 36)

²² “Nos Estados Unidos, um estudo do think tank – centro de pesquisa e debates – Pew Research Center demonstrou em 2021 que cerca de 44% das pessoas que não são pais com 18 a 49 anos de idade acreditam que não terão filhos, contra 37% em 2018.” (Savage, 2023).

vida por parte das mulheres contemporâneas, inclusive entre as próprias mulheres²³. Ou seja, a mulher que se propõe a escrever busca reescrever as histórias que já existem sobre ela, quebrando a construção cultural que define sua feminilidade como passiva ou oculta (Raoul, 1989, p. 59-60). Se posicionar frente às opressões veladas que ainda moldam o que é ser mulher atualmente faz parte da luta contra o machismo, o preconceito e a violência ainda existentes na sociedade brasileira.

Apesar de ser uma mulher adulta e independente, procurei colocar Lia, sobretudo nas primeiras entradas do seu diário, como uma pessoa que se vê desempenhando um papel contido em suas relações, sobretudo profissionais²⁴. Mas, naquele espaço do diário, ela assume o protagonismo de expor o que realmente pensa e sente. A escritora italiana Elena Ferrante diz que em seus diários “não fazia sentido a contenção e escrevia aquilo que teria preferido calar, recorrendo entre outras coisas a um léxico que oralmente nunca teria ousado utilizar” (Ferrante, 2019, p. 15). Em *On Diary* (2009), Lejeune diz que os diários, ao contrário das narrativas autobiográficas, são “antificcionalis” porque qualquer reconstrução imaginária do presente poderia ser vista como “uma mentira, uma insanidade ou muito difícil de ser sustentada ao longo do tempo”.

Para demonstrar a franqueza de sentimentos da personagem Lia perante seu diário, procurei criar passagens nas quais ela escreve sobre assuntos embaraçosos ou comprometedores para serem divididos em um ambiente profissional: Lia dá apelidos no diminutivo para os egoicos executivos do seu trabalho²⁵, questiona a cultura organizacional e o papel institucional da sua empresa na sociedade²⁶ e desabafa sobre o comportamento de seus colegas²⁷. O objetivo é tornar o diário uma espécie de espaço para a liberdade de expressão e de manifestação do eu mais autêntico da personagem Lia.

²³ “Mas não sei, na festa do Dia das Mães da Care Baby, me sinto caminhando através de uma névoa espessa de pena e incompreensão formada por mulheres que julgam o fato de eu estar cruzando o ponto de inflexão da minha fertilidade e (ainda) não fazer parte do seletivo grupo das que conhecem o que é o padecer no paraíso.” (p. 26)

²⁴ “No coliseu corporativo, eu cumprio a missão sagrada de uma profissional da Diretoria de Gente da Care Baby, proporcionando a melhor experiência de trabalho pros clientes internos. Sobretudo quando essa experiência significa atender aos caprichos de imperadores mimados e imediatistas, e evitar ser decapitada corporativamente” (p. 6-7)

²⁵ “Só que o Nellinho e o Koguinho amam” (p. 6).

²⁶ “Pra cuidar do planeta é mais difícil, afinal de contas, nosso business é fralda descartável, quanto mais babies e fraldas lotando de plástico os lixões, melhor; bora então pensar em pessoas, vulgo nossos funcionários, pra elas terem mais ideias de como vender fraldas e aumentar nossos bônus todo mês de abril” (p. 6)

²⁷ “Sentado na diagonal, ele coçava a barba e tinha uma dobra entre as sobrancelhas, indícios de ser mais um espécime da espécie *Chefis escrotus*, aquele que a gente luta pra ser extinto, mas é pior que barata, continua vivo até no apocalipse” (p. 7)

4. *Páginas Matinais* e a pós-modernidade

A moda e a tradição social têm o mesmo efeito no conteúdo de um diário como no desenvolvimento de uma novela ou de uma farsa (Merry, 1979, p. 3). Um diário escrito atualmente, portanto, seria impactado pelo recente complexo de movimentos políticos, sociais, culturais e econômicos conhecido por pós-modernidade. De acordo com Harvey (1990, p. 426), esse momento é marcado pela revolução nas técnicas de produção, nos hábitos de consumo e nas práticas político-econômicas. Além disso, se observa uma aceleração das mudanças de estilo de vida, uma reorganização radical das relações de espaço e a redução das barreiras geográficas. Harvey denomina esse fenômeno de compressão da relação tempo-espaço, o que impacta todos os aspectos da vida cultural e política.

Por se passar no tempo atual, *Páginas Matinais* reflete, tanto em sua linguagem como em seu conteúdo, elementos e situações ligados a uma série de fenômenos contemporâneos da pós-modernidade, como a ascensão de mulheres a cargos de liderança, a não-maternidade, a sobrecarga mental, as mudanças no ambiente de trabalho pós-Covid-19, a uberização das relações de trabalho, entre outros.

Neste capítulo, serão apresentados os principais fundamentos da pós-modernidade presentes no projeto criativo *Páginas Matinais*. No primeiro subcapítulo, será dada ênfase à questão do tempo e a consequente manifestação de culpa por parte de Lia. O segundo subcapítulo discutirá as novas relações de espaço dentro da pós-modernidade e a viagens realizadas por Lia, tanto de férias para Portugal, quanto no processo de migração para a Suécia.

4.1.A compressão do tempo e a culpa

Em *Páginas Matinais*, Lia é uma mulher que vive e trabalha em uma grande cidade, em um tempo de hiperconectividade decorrente, sobretudo, das novas tecnologias de comunicação e de computação. Para Jameson, (1985, p.125), a pós-modernidade se caracteriza pela transformação da realidade em imagens e a fragmentação do tempo em uma série de “*perpetual presents*”. Esse contexto de avalanche de imagens e de alteração da percepção do tempo alterou

como as pessoas pensam, vivem e interagem entre si e se deve, sobretudo, à popularização, difusão e uso de computadores, *smartphones*, internet, *softwares*, aplicativos e outras tecnologias no dia a dia das pessoas no final do século XX e início do século XXI.

Em “*The Extended Mind*” (1998, p. 11), Clark e Chalmers argumentam que:

“(...) may be that the biological brain has in fact evolved and matured in ways which factor in the reliable presence of a manipulable external environment. It certainly seems that evolution has favoured onboard capacities which are especially geared to parasitizing the local environment so as to reduce memory load, and even to transform the nature of the computational problems themselves.”

No projeto criativo, o celular de Lia assume o papel do “*manipulable external environment*”, se tornando uma extensão de quem é a personagem e de como ela pensa e interage com o mundo. Assim, decidi criar um contexto em que Lia é constantemente contactada pela mãe, pela amiga, pelo ex-marido, pelo chefe por meio do seu *smartphone*, fazendo com que as fronteiras do que é o tempo dedicado a assuntos pessoais e tempo dedicado ao trabalho se tornem pouco claras. No dia 11, por exemplo, Lia se irrita ao receber uma mensagem do chefe que a acorda domingo de manhã:

“Uma notificação de WhatsApp me acordou nesse domingo. Era o Koginho me mandando o contato de uma empresa de monitoria de teletrabalho, queria que amanhã cedo já marcasse uma demo. Vásifudê.” (p. 31)

O tempo de trabalho invade o seu tempo de descanso, inclusive a encontra em seu sono. Essa nova conformação do tempo surge para acomodar as novas práticas materiais de reprodução social (Harvey, 1990, p. 419). No caso de Lia, ela é inserida em uma lógica capitalista de desequilíbrio de forças sociais entre quem é o detentor da força de trabalho (no caso de Lia, de natureza intelectual) e quem é o detentor do capital industrial e financeiro (representado pelo seu chefe). Nessa relação, ela é remunerada pelo seu tempo de trabalho com um salário e *status* de sua posição na hierarquia da Care Baby;²⁸ em troca, deve estar disponível para atender, com a sua capacidade intelectual e produtiva, à lógica da lucratividade.

Para mulheres que mantinham diários em outras épocas e conformações sociais, a culpa de manter um diário reside em não usar o tempo da escrita para se dedicar às necessidades da

²⁸ “Koginho me ofereceu um aumento de salário, um cargo de gestão, um título bonito pra eu colocar no LinkedIn, a oportunidade de fazer parte do board e a responsabilidade de criar a área de Gente. Tudo isso em troca de assumir a posição da Clara, ganhando menos que ela e com uma funcionária a menos no time.” (p. 17)

casa e da família. No século XIX, por exemplo, a escrita “não-produtiva” de um diário era permitida como “recreação” às mulheres desde que não “interferisse no *business of being a woman*” (Raoul, 1989, p. 58). Em determinada passagem de *Caderno Proibido*, a personagem Valeria, mulher casada e com filhos na década de 1950, comenta “o único remorso que sofro é roubar tempo à família, à casa, o mesmo que sinto quando escrevo este diário.” (de Céspedes, 2022, p. 85). Além dessa culpa doméstica, Valeria sente culpa por escrever, por desejar se expressar por meio do caderno, com um medo constante de que alguém de sua família descubra a existência do seu diário onde deposita detalhes da sua vida íntima.

Ainda que a mulher tenha saído da esfera doméstica e conquistado outros espaços na sociedade, e passasse a estudar, a trabalhar, a se destacar em suas áreas de atuação, tendo assim os recursos financeiros para finalmente ter um espaço seu, um “*room of one’s own*” como Virginia Woolf advogou, ela ainda não é dona do seu tempo. O horário laboral tradicional já não se aplica e passa a exigir que estejamos sempre ligados a nossos compromissos, passando uma impressão de suposta flexibilidade de tempo. Em *Cool Capitalism* (2009), McGuigan argumenta que o capitalismo se apropria da expressão “*cool*” como uma propaganda irreverente para si próprio e usa pistas culturais para atrair esse *cool* a favor do consumismo, em um “perfeito casamento entre a contracultura e os negócios corporativos” (p. 9). De certa forma, nossa sociedade vende como *cool* o fato de estarmos sempre ocupados e de que somos imprescindíveis em nossas atividades, atraindo mais e mais profissionais a rotinas de trabalho exaustivas a favor do lucro capitalista.

Pelo fato de usar um tempo da sua manhã para escrever, Lia sente culpa de não estar usando aquele tempo de uma forma mais “produtiva”, seja trabalhando²⁹, seja dormindo³⁰. Percebe-se que aqui a culpa está relacionada a uma dimensão temporal-material, ou seja, escrever é considerada atividade improdutiva e sem propósito, atravessada por exigências variadas. O tempo, no capitalismo, é uma magnitude vital porque o tempo de trabalho social é a medida de valor e é na apropriação do excedente desse tempo que se encontra a origem do lucro (Harvey, 1980, p. 425). Quanto mais rápido o sistema se movimenta, mais há oportunidades de se lucrar e perpetuar a lógica capitalista, impondo aos indivíduos que dele fazem parte adotar a mesma lógica em todas as esferas de suas vidas. No livro *Sociedade do*

²⁹ “Eu sou do time que odeia, podia estar fazendo uma call com a Anni de Estocolmo ou então desovar um monte de pendências, mas não, tô ali sendo a supersponsor do loving-way-of-doing-business, entoando mantras e escrevendo sobre a chatice que é a minha vida.” (p. 6)

³⁰ “Não dormi bem e a porra dessa meia hora a menos de sono, agora usada pra essas páginas matinais, me faz ficar com mais mau-humor.” (p.2)

cansaço, Han comenta que o sujeito de desempenho pós-moderno não é mais submisso a ninguém, mas isso não garante que esteja livre da coação; ela deixa de ser realizada por um “outro” e passa ser exercida pelo próprio indivíduo. Essa pretensa liberdade leva a uma autoexploração de si até o esgotamento físico e mental, o *burnout* (Han, 2017, pág. 101). Ainda que Lia não sofra desse mal, ela se intitula “uma mulher contemporânea cansada, com dor nas costas e com vontade de passar a vida assistindo doramas na Netflix” (p. 3)

Como forma de aliviar a sensação “inutilidade” do seu diário, decidi incluir outros usos para as páginas matinais da personagem, por exemplo, anotar pendências do trabalho e da rotina da casa, misturando a dimensão reflexiva do diário com o utilitarismo de uma lista de compras ou de atividades a fazer³¹. Tal como o *smartphone* que se tornou um instrumento de comunicação e, ao mesmo tempo, de trabalho e diversão na sociedade contemporânea, minha intenção como autora é mostrar como um diário pós-moderno pode ultrapassar as fronteiras do que é reservado ao subjetivo, tornando-se mais um espaço para autocobrança e sobrecarga mental além do que ela se impõe no trabalho e na relação com a mãe.

Em passagens de Páginas Matinais, a relação de compressão do tempo pode ser observada no ritmo acelerado do texto, como no trecho abaixo:

“Que tal colocar uma música de algum quarteto de cordas austríaco, preparar um chá de capim-limão do Himalaia, ligar o difusor com um óleo de ylang ylang coletado e prensado por monges na Indonésia e usar esse ambiente aconchegante – e rico – pra escrever à mão três páginas sem parar durante o despertar da manhã, todos os dias, como se você não tivesse mais porra nenhuma pra fazer, com o objetivo de recuperar a criatividade, a conexão com os sentimentos, a compreensão daquilo que angustia?”(p.1)

Neste trecho, procurei escrever um período longo, marcado por um excesso de informações diversas e sensoriais para inserir o leitor ou leitora no universo de uma mulher estressada, ansiosa e sarcástica. A ideia era transmitir a mesma sensação que os vídeos curtos de TikTok e Instagram proporcionam em seus usuários com a função *autoplay* (reprodução automática), ou seja, uma sequência de imagens aceleradas, editadas e diversas que aparecem nas telas para o consumo instantâneo e veloz de quem as assistem.

Ao longo dos dias que Lia se dedica a suas páginas matinais, o leitor e a leitora são convidados a notar outro tipo de texto inserido ao fim de algumas entradas do diário. São

³¹ “Ok, as páginas podem ser sobre o tudo e sobre o nada. Memórias, decepções, conversas, opiniões, tretas, sonhos. Será que vale misturar esses lances mais etéreos com a lista do mercado? *comprar papel higiênico - papel toalha*” (p. 8).

pequenos textos em formato de *post* a respeito dos vinhos que a personagem tomou, escritos após se dedicar a escrever sobre o seu dia. Como saberemos em futuros capítulos do livro, Lia tem um perfil no Instagram há alguns anos chamado “@leiovinhos” em que publica pequenas resenhas sobre os vinhos que toma, sempre de forma anônima, escondendo esse *hobby* inclusive do seu círculo mais próximo. No entanto, é a partir do caderno que resolve experimentar textos mais poéticos para falar das suas experiências com vinhos, como é possível observar no trecho abaixo:

“Deu duro, tome um Douro. Desce macio e reanima. A velha campanha do Dreher poderia facilmente ser convertida pra esse vinho da Quinta da Orvalheira, safra 2019. [...] Causa uma explosão de sabor no início, meio e fim da língua, prossegue aquecendo o esôfago e alivia o peso na alma de mulheres contemporâneas cansadas.” (p. 9).

Os textos de Lia sobre vinhos são curtos, rápidos de serem lidos e acessíveis como normalmente são os *posts* de redes sociais. No entanto, usei rimas e figuras de linguagem para passar a ideia do que seria o olhar de uma mulher que bebe um vinho durante um momento de prazer e descanso e que “brinca” com o linguajar específico usado pelos *sommeliers* na análise da bebida. Para escrever esses textos, usei como base fichas técnicas reais de vinhos disponíveis em sites especializados e criei rótulos fictícios para as avaliações da personagem.

No entanto, ainda que a personagem use o tempo dedicado à escrita das suas páginas matinais para escrever os *posts* do seu perfil, esse é um momento no qual ela não se sente obrigada a desempenhar nenhum papel, se manter produtiva ou atender às expectativas de quem ela depende emocional e financeiramente. Inclusive o nome do perfil faz uma relação sobre a questão da identidade e da ação; ela não é “Lia Vinhos”, indicando o seu nome e a ação pretérita de ler vinhos, mas sim “Leio Vinhos”, um sujeito oculto que se dedica a ler vinhos no presente, com presença.

4.2.A compressão do espaço e a migração

A compressão do espaço, por meio da eliminação das barreiras da distância e da fronteira, é essencial para a manutenção de toda a dinâmica de acumulação capitalista, sobretudo nas crises de sobre-acumulação de capital (Harvey, 1990, p. 425). A globalização financeira, produtiva e comercial que se aprofundou no fim do séc. XX, em conjunto com o desenvolvimento

tecnológico, deu uma sensação de contínuo encolhimento do planeta em um espaço capitalizado e mercantilizado (Hassan, 2020).

Esse contexto de espaço comprimido pode ser observado no dia a dia profissional de Lia. Em *Páginas Matinais*, ela trabalha em uma empresa multinacional cuja sede fica em Estocolmo, na Suécia. Para uma corporação que produz fraldas, é economicamente factível a existência de uma filial Care Baby brasileira considerando o mercado consumidor potencial existente no país, cuja população total é vinte e uma vezes superior à sueca.

Hierarquicamente, Lia responde a dois chefes suecos: uma diretora de HR em Estocolmo e o CEO da unidade Brasil. Toda a comunicação com a chefe sueca é realizada por meio de videochamadas³² em inglês, o que mostra como o trabalho remoto é corriqueiro à sua rotina, sobretudo pós-pandemia de Covid-19. Criar uma personagem que trabalha em uma empresa multinacional e que interage diariamente com pessoas de outro país me levou a escrever um texto permeado de jargões corporativos e termos em inglês. Palavras como “*bullet-points*”, “*board*”, “*home-office*”, “*follow-up*”, “*call*”, “*checklist*”, apesar de terem termos correspondentes na língua portuguesa, foram usadas ao longo de *Páginas Matinais* como uma estratégia para dar realismo à história, porque a rotina de um trabalho corporativo no mundo pós-moderno e globalizado cria códigos específicos de comunicação pautados no idioma inglês, passados de pessoa a pessoa dentro das empresas.

Outro artifício usado em uma das passagens do projeto foi o de usar palavras em sueco misturadas ao inglês³³ para situar a personagem em universo híbrido da linguagem, onde os idiomas se misturam e as pessoas se compreendem. Além do estrangeirismo, decidi incluir um trecho no qual Lia transcreve a fala do CEO com os erros típicos de um estrangeiro aprendendo português³⁴, como uma forma de ilustrar o ambiente diverso que a personagem convive e dar comicidade à sua relação com o chefe.

No entanto, Lia recebe um convite para trabalhar na unidade sueca, o que demandará dela um deslocamento geográfico e a necessidade de se adaptar à realidade em outro país. Ainda que a globalização torne as diferenças entre os países mais suaves, em especial com relação aos produtos culturais como a moda, o cinema e a música, outras barreiras surgem como forma de marcar as diferenças entre as nações e os indivíduos, como as religiões, as etnias, os idiomas,

³² “Anni devia detestar aquelas sessões de *feedback* tal como eu. Ainda mais por videochamada.” (p. 21)

³³ “Liiiá, you’ll be the next Personaldirektör in Stockholm. Grattis.” (p. 24)

³⁴ “Liiiá, como eston seus páginas matinais? Incrível como algo ton simples pode ser ton efetivo pro foco. Vou falar a meu marido pra fazer o mesmo.” (p. 2-3)

entre outros (Harvey, 1990, p. 427). Lia sofrerá, nos capítulos finais, com a discriminação por ser latino-americana, tanto no ambiente de trabalho quanto fora, o que tornará a adaptação na Suécia ainda mais difícil. Mesmo desistindo do emprego, Lia considera viver durante um período em Portugal, outro país europeu, porém com mais semelhanças culturais e históricas com o Brasil.

A partir do momento que Lia viaja a Portugal com a mãe e, posteriormente, quando passa uma temporada trabalhando na Suécia, o caráter do seu diário se transforma, tornando-o uma espécie de diário de viagem. No livro *Great Diaries: The world's most remarkable diaries, journals, notebooks, and letters*, a historiadora Williams (2020, p. 10), ao falar sobre os diários de viagem, diz que esse tipo de diário é formado por notas e desenhos realizados a terras exóticas, posteriormente revisados para a elaboração de livros a respeito do local visitado. No contexto atual em que a internet permite a busca por qualquer localidade do mundo e, em poucos segundos, é possível ter acesso a inúmeras informações e imagens, um diário de viagem deixa de ser apenas o relato do que se vê, mas também revela o impacto que a “terra exótica” proporciona ao conjunto de valores e experiências da viajante ou do viajante.

Como autora, incluirei essa dimensão de análise ao diário de Lia, incluindo o que a estranheza da mudança rumo ao desconhecido a faz refletir e crescer como personagem ao longo da história, experiência essa que nenhum *site*, rede social ou interação virtual poderiam prepará-la da mesma forma. Após os conflitos com a mãe em Portugal e com a solidão na Suécia, poderei construir um desfecho para a história onde a personagem repensa seus objetivos, abraçando um novo rumo em busca de uma vida mais equilibrada e realizada.

5. Considerações finais

Os sentimentos de inadequação, ansiedade e culpa de uma mulher na faixa dos quarenta anos em consequência de suas decisões a favor da sua profissão, em detrimento da maternidade e da família, necessitam ser cada vez mais representados na literatura como uma forma de normalizar as novas configurações sociais e rever os padrões tradicionais. Ao se dar espaço para que essas narrativas sejam contadas pelas mulheres a respeito delas mesmas, por meio de diários, cartas, memórias, poesia e narrativas ficcionais, com um olhar menos impactado pelos filtros e bloqueios impostos pela cultura, a economia, a política e a religião, ter-se-á um cenário

literário mais inclusivo, i.e., em termos da representação de experiências individuais e sociais correntes.

A pós-modernidade, como fenômeno que permeia todas as esferas de sociabilidade, e seus efeitos na compressão da relação tempo-espaço mencionadas por Harvey (1990) mudam como os diários são escritos na contemporaneidade, criando assim formas diferentes de reflexão e escrita de um diário. Com relação à dimensão temporal, a busca pela produtividade a todo o custo nas empresas, o uso de fórmulas “fáceis” como forma de “recuperar” a criatividade, o ritmo mais acelerado de vida, a exigência de uma contínua ligação intermedial a novas tecnologias de comunicação, a “mercantilização do tempo”, o sentimento de culpa pelo caráter “improdutivo” do ato de escrever um diário, a integração das redes sociais no dia a dia das pessoas, dentre outros efeitos, impactam em um ritmo de texto mais acelerado e imagético, permeado pela ansiedade de quem não “desliga” e está sempre alerta para uma nova demanda.

Sobre a dimensão tempo, a globalização, o nomadismo, a fluidez geográfica, a dissociação às raízes locais e culturais exigida pela mobilidade/migração laboral e as pressões dos mercados globais, levam à escrita de um diário com maior uso de estrangeirismos na linguagem, abordando temáticas como a normalização das relações profissionais e pessoais entre indivíduos de países diferentes, a expatriação como oportunidade de crescimento e conflito narrativo, e a manifestação de outras formas de preconceito a quem não está inserido em determinado contexto cultural.

A elaboração do projeto criativo *Páginas Matinais* está na sua fase preliminar. Será, ainda, necessário escrever mais três partes. No entanto, saber que um diário ficcional pode ser um instrumento potente de tradução e construção de uma nova visão de mundo por meio da linguagem, dessa vez com um olhar mais empático em favor das mulheres que decidem mudar de país, escolhem não ter filhos, se arriscam em uma nova profissão, é motivação mais do que suficiente para prosseguir. Por fim, ter em mente como o diário, sendo um espaço de manifestação do eu, se transforma ao longo do tempo, refletindo as mudanças impactantes do momento pós-moderno em que vivemos, me ajuda a tornar esse processo de escrita mais robusto e consciente.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

Acosta, Sandra. *A Hora Da Virada Podcast*, Temporada 2. Spotify, 2022, <https://open.spotify.com/show/5RoyfIOMpzoaQ0MwdgTIO?si=d29e5e3d7f7d4e49>

---. *Pra quê varanda se a vista é feia?* Editora Letramento, 2021.

Barton, Michelle A., et al. “Stop Framing Wellness Programs Around Self-Care.” *Harvard Business Review*, 4 Apr. 2022, <https://hbr.org/2022/04/stop-framing-wellness-programs-around-self-care>. Acessado 1 junho 2023.

Cameron, Julia. *O caminho do artista*. Traduzido por Leila Couceiro, Editora Sextante, 2017.

Cardell, Kylie. *Dear World Contemporary Uses of The Diary*. University of Wisconsin Press, 2015.

Clark, Andy, and David Chalmers. “The Extended Mind.” *Analysis*, vol. 58, no. 1, 1998, pp. 7–19. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/3328150>. Acessado 15 junho 2023.

Christian, Alex. “Burnout: é Possível Evitar O Esgotamento?” *BBC News Brasil*, 22 Mar. 2023, <http://www.bbc.com/portuguese/articles/c87vgedy160o>. Acessado 15 junho 2023.

Corrêa, Fabiana. “Empresas Investem Em Felicidade Corporativa Para Reduzir Turnover.” *Forbes*, 23 Sept. 2022, <https://forbes.com.br/carreira/2022/09/felicidade-corporativa-atrai-liderancas/>. Acessado 16 junho 2023.

de Céspedes, Alba. *Caderno Proibido*. Traduzido por Joana Angélica d’Avila Melo, Companhia das Letras, 2022.

di Domenico, Marcia. “Por Que Tanta Gente Está Escrevendo Um Diário Na Quarentena.” *Vogue*, 8 Sept. 2020, <https://vogue.globo.com/semidade/ageless/noticia/2020/09/por-que-tanta-gente-esta-escrevendo-um-diario-na-quarentena.html>. Acessado 3 junho 2023.

Ferrante, Elena. *A invenção ocasional*. Traduzido por Miguel Serras Pereira, Relógio D’Água, 2019.

Folena, Gianfranco. “Le forme del Diario”. *Quaderni di Retorica e Poetica*. Liviana, 1985.

Han, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Traduzido por Enio Paulo Giachini, Editora Vozes, 2017.

Harvey, David. “Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination.” *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 80, no. 3, 1990, pp. 418–34. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/2563621>. Acessado 17 maio 2023.

Hogan, Rebecca. “Engendered autobiographies: The diary as a feminine form.” *Prose Studies*, vol. 14, no. 2, 1991, pp. 95-107.

Huff, Cynthia. “‘That Profoundly Female, and Feminist Genre’: The Diary as Feminist Practice.” *Women’s Studies Quarterly*, vol. 17, no. 3/4, 1989, pp. 6–14. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/40003086>. Acessado 17 maio 2023.

James, William. *The Stream of Consciousness. Psychology*. New York: Henry Holt and Co, 1910.

Jameson, Frederic. Postmodernism and Consumer Society, in Hal Foster (ed.), *Postmodern Culture*. Pluto, 1985, pp. 111–125.

Lejeune, Philippe, et al. *On Diary*. Published for the Biographical Research Center by the University of Hawai‘i Press, 2009.

Lejeune, Philippe, and Victoria Lodewick. “How do diaries end?” *Biography*, vol. 24, no. 1, 2001, pp. 99–112. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/23540311>. Acessado 15 junho 2023.

McGuigan, Jim. *Cool Capitalism*. Pluto, 2009.

Merry, Bruce. “The Literary Diary as a Genre.” *The Maynooth Review / Revieú Mhá Nuad*, vol. 5, no. 1, 1979, pp. 3–19. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/20556925>. Acessado 31 maio 2023.

Muscariello, Mariella. “Além das Aparências”. *Caderno Proibido*, Companhia Das Letras, São Paulo, SP, 2022, pp. 291–311.

“Prêmio Jabuti 2022: Romances de Mulheres Dominam Lista de Finalistas.” *O Globo*, 8 Nov. 2022, <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/11/premio-jabuti-2022-romances-de-mulheres-dominam-lista-de-finalistas.ghtml>. Acessado 6 junho 2023.

Raoul, Valerie. “Women and Diaries: Gender and Genre.” *Mosaic: A Journal for the Interdisciplinary Study of Literature*, vol. 22, no. 3, 1989, pp. 57–65. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/24780526>. Acessado 31 maio 2023.

Savage, Maddy. *Como a Decisão de Não Ter Filhos Tem Afetado a Vida de Casais*, 20 Fev. 2023, <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3g335ge6xno>. Acessado 5 junho 2023.

Serfaty, Viviane. “Online Diaries: Towards a Structural Approach.” *Journal of American Studies*, vol. 38, no. 3, 2004, pp. 457–71. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/27557549>. Acessado 14 junho 2023.

Sinor, Jennifer. “Reading the Ordinary Diary.” *Rhetoric Review*, vol. 21, no. 2, 2002, pp. 123–49. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/3092997>. Acessado 14 junho 2023.

Suttie, Jill. “Six Causes of Burnout at Work.” *Greater Good Magazine*, 5 Oct. 2021, https://greatergood.berkeley.edu/article/item/six_causes_of_burnout_at_work. Acessado 14 junho 2023.

Williams, Kate. "Foreword." *Great Diaries: The World's Most Remarkable Diaries, Journals, Notebooks, and Letters*, DK - Penguin Random House, London, 2020, p. 9.

Yagi, Emi. *Diary of a void*. Traduzido por David Boyd e Lucy North, Harvill Secker, 2022.